



Rfb
Editora

Escrita, Gramática e Literatura: Diálogos Possíveis Entre Acadêmicos De Letras

Fábio Araújo
(Org.)

**ESCRITA, GRAMÁTICA E
LITERATURA: DIÁLOGOS
POSSÍVEIS ENTRE
ACADÊMICOS DE LETRAS**



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Fábio Araújo Pereira
(Organizador)

**ESCRITA, GRAMÁTICA E
LITERATURA: DIÁLOGOS
POSSÍVEIS ENTRE
ACADÊMICOS DE LETRAS**

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2023

© 2023 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2023 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
91 98885-7730

Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12, Nazaré, Belém-PA,
CEP 66035065

Editor-Chefe
Prof. Dr. Ednilson Souza
Diagramação e capa
Worges Editoração
Imagem da capa
Canva.com

Revisão de texto
Autor
Bibliotecária
Janaina Karina Alves Trigo Ramos
Produtor editorial
Nazareno Da Luz

Catálogo na publicação
RFB Editora



E74

Escrita, gramática e literatura: diálogos possíveis entre acadêmicos de letras / Fábio Araújo Pereira (Organizador). – Belém: RFB, 2023.

Livro em PDF

96p.

ISBN: 978-65-5889-477-3

DOI: 10.46898/rfb.32683cd0-9d16-452f-8eb9-85706109f8ea

1. Escrita, gramática e literatura. I. Pereira, Fábio Araújo (Organizador). II. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof^a. Ma. Rayssa Feitoza Felix dos Santos-UFPE

Prof. Me. Otávio Augusto de Moraes-UEMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof^a. Ma. Luzia Almeida Couto-IFMT

Prof^a. Dr^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar

Prof. Me. Luiz Francisco de Paula Ipolito-IFMT

Prof. Me. Fernando Vieira da Cruz-Unicamp

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof^a. Dr^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro

Prof^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF

Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA

Prof^a. Ma. Adriana Barni Truccolo-UERGS

Prof. Me. Pedro Augusto Paula do Carmo-UNIP

Prof.^a Dr^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Me. Alisson Junior dos Santos-UEMG

Prof. Me. Raphael Almeida Silva Soares-UNIVERSO-SG

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné-Faccrei

Prof. Me. Fernando Francisco Pereira-UEM

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL

Prof. Me. Antonio Santana Sobrinho-IFCE

Prof.^a Dr.^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA

Profa. Dra. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof. Me. Darlan Tavares dos Santos-UFRJ

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM

Prof.^a Dr.^a. Elane da Silva Barbosa-UERN

Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

Dedico esta obra ao meu amado irmão Jean Kleber que sempre me mostra que um dia sem rir é um dia desperdiçado.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
CAPÍTULO I	
LITERATURA PÓS-COLONIAL (AFRO-BRASILEIRA E ÍNDIGENA) NO CONTEXTO SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DE DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE ESCOLAS DE OEIRAS-PI.....	13
CAPÍTULO II	
GRAMÁTICA NO BRASIL, UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	29
CAPÍTULO III	
VOZES NEGRAS: PRINCIPAIS AUTORAS E SUAS OBRAS.....	39
CAPÍTULO IV	
RELIGIÃO E LITERATURA: PERCEPÇÕES, ENCONTROS E POSSIBILIDADES.....	55
CAPÍTULO V	
O FICHAMENTO COMO RECURSO DE PESQUISA CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE.	69
CAPÍTULO VI	
GRAMÁTICA HISTÓRICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	77
ÍNDICE REMISSIVO.....	94
SOBRE O ORGANIZADOR.....	95

PREFÁCIO

Em todos esses anos como professor universitário, sempre vi, em boa parte dos acadêmicos, uma certa dificuldade em pôr no papel uma escrita científica de qualidade razoável. Tal dificuldade pode ser explicada pela pouca ênfase dada às disciplinas de iniciação à leitura e produção acadêmica, as quais muitas vezes os alunos cursam apenas para seguir adiante no curso, porém, com pouco aprendizado prático a respeito do que é pesquisa dentro da universidade. Contudo, quando há dedicação e um olhar mais atento por parte do docente, é possível ver surgir nos bancos universitários, excelentes escritores, além de ótimos pesquisadores. O curso de letras deveria ser um grande celeiro de talentosos escritores acadêmicos, mas nem sempre é esta a realidade. No entanto, quando tais talentos são encontrados, eles merecem ser devidamente reconhecidos.

Foi com este intuito que surgiu a ideia dessa pequena coletânea de artigos científicos elaborados por graduandos do curso de letras sob minha supervisão e orientação. Os trabalhos aqui apresentados versam sobre temas relacionados ao universo do curso de letras, indo mais além ao abordar também a escrita científica em si. Os poucos artigos selecionados fazem desta obra uma coletânea sucinta, porém riquíssima em conhecimento científico baseado em fontes bibliográficas confiáveis. Acima de tudo, essa obra serve de apoio e incentivo para a escrita acadêmica entre os universitários dos mais diversos semestres do curso de letras. Desejo a todos uma excelente leitura!

Fábio Araújo Pereira.
(Organizador).

CAPÍTULO I

LITERATURA PÓS-COLONIAL (AFRO- BRASILEIRA E ÍNDIGENA) NO CONTEXTO SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DE DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE ESCOLAS DE OEIRAS-PI

Fábio Araújo
Jéssica Adriana
Flávia Borges
Thays Oliveira
Raielly Rocha.

1. INTRODUÇÃO

É de grande importância a inclusão da literatura afro brasileira nas escolas, pois trata-se de um conhecimento enriquecedor para os alunos que muitas vezes desconhecem, ou de alguma forma não obtém acesso a este conhecimento de modo mais profundo e detalhado. Sabe-se que a cultura de povos indígenas e afro brasileiros é muitas vezes invisibilizada. No entanto, quando atentamos para a ausência de estudos relacionados à literatura pós-colonial nos ensino básico, percebe-se que há um impasse, pois é uma temática pouco apreciada, e este trabalho traz questionamentos a respeito dessa temática. É notório também, a falta de algumas obras que deveriam ser aplicadas na sala de aula cujo objetivo seria o contato com essas literaturas desde a fase infantil até a fase juvenil, até a fase adulta. O objetivo deste artigo é refletir sobre a ausência destes conteúdos no contexto sala de aula, e as consequências que essa negligência pode causar até a chegada do aluno ao ensino superior.

2. O QUE DIZEM OS PCNS E A BNCC.

PCNs são parâmetros Curriculares Nacionais. são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal que orientam a educação no Brasil que auxiliam o professor na tarefa de reflexão e discussão de aspectos do cotidiano pedagógico. (BRASIL, 2000) Esses parâmetros são divididos por disciplina. Além da rede pública, a rede privada de ensino também adota os parâmetros, porém não é obrigatório. Os PCNs, da língua portuguesa, evidenciam que os estudos linguísticos não podem dividir-se, já que a gramática, a literatura e a redação estão interligadas. (BRASIL,1998).

BNCC é a sigla para Base Nacional Comum Curricular, é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e

progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação Básica. Base essa que serve como referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio no Brasil. Com um objetivo de contribuir para a construção de uma sociedade mais ética, democrática, responsável, sustentável e solidária. Que respeite e proporcione a diversidade e os direitos humanos, sem preconceitos de qualquer natureza. Assim nos tornando uma sociedade melhor. O documento é composto por dez competências gerais que os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica. A BNCC moderniza e apresenta dez competências básicas para guiar ações a serem aplicadas dentro das áreas de conhecimento, e é nessas competências que se encontra o repertório cultural, a saber, o 1º- conhecimento, 2º- pensamento científico, crítico e criativo, 3º- repertório cultural, 4º- comunicação, 5º- cultura digital, 6º- trabalho e projeto de vida, 7º argumentação, 8º- autoconhecimento e autocuidado, 9º- empatia e cooperação 10º autonomia. Visto que é composta por 3 etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A BNCC na Língua Portuguesa propõe o desenvolvimento das capacidades envolvidas na produção, recepção, tratamento e análise das linguagens que contribuem para a participação significativa e crítica do aluno nas diversas práticas sociais de linguagem.

Segundo a BNCC a literatura através das suas obras tem a capacidade de desenvolver habilidades no aluno como pensamento crítico e aberto às diversidades. A literatura é encontrada na terceira das dez Competências Gerais da BNCC a competência trás o **repertório cultural**, segundo a competência “*Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais*”. (BRASIL, 2018) Essa competência traz algumas habilidades que o aluno deve desenvolver

ao praticá-la, como a fruição, expressão, investigação e identidade Cultural, consciência multicultural, respeito à diversidade cultural e a mediação da diversidade cultural. Essa competência tem a capacidade de incluir a literatura nas escolas de educação básica. Podendo assim incluir a literatura afro-brasileira e indígenas, pois é através dessa literatura que podemos ter conhecimento das origens da nossa história, por mas que essa competência integra a literatura nas escolas de educação básica ainda há uma escassez e quando é incluída ocorrer a desvalorização, ou seja, o preconceito, pois raramente é incluída a literatura afro-brasileira e indígena, pois deveria ser umas das primeira a ser integrada para que os alunos possam ter conhecimentos de suas origens da origem do seu país e assim ter sua identidade cultural. A desvalorização e o preconceito da literatura afro-brasileira e indígena busca valorizar as informações e heranças da cultura afro-brasileira e indígena.

3. ENSINO ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA PRIVADA

Ao falarmos de ensino público e privado nos vem a ideia de divergências, essa ideologia está fortemente convencionada, idealiza-se sempre o ensino público com resultados inferiores ao ensino privado, sendo uma das principais causas disso, a falta de investimento de infraestrutura proporcionado pelo estado, em divergência ao funcionamento da escola particular, que é mantida pela renda mensal arrecadada, administrada pela equipe que compõe a instituição que visa ampliar gradativamente o desenvolvimento de seus alunos.

Um ensino de qualidade depende de vários fatores, principalmente da situação socioeconômica que o país está inserido e a educação recebe influência direta, um outro fator que reflete a realidade da educação são as diferentes classes sociais que cada aluno está inserido. Nas escolas públicas geralmente os alunos matriculados são de classe

baixa, ou seja, não possuem regalias, são de família humilde, que logo cedo precisam trabalhar, a fim de ajudar a família, tendo como consequência menos disponibilidade de tempo para se dedicar a sua vida estudantil, fator este que interfere gradativamente em seus resultados, o que geralmente não acontece com alunos de escolas particulares que possuem uma realidade totalmente diferente. Além disso existem vários fatores que afetam o desempenho dos alunos, e as principais deles são fatores sociais, econômicos, familiar entre outros

É a partir dos resultados que se adquire na observação do desempenho dos alunos tanto de escolas públicas quanto de escola privada e a maneira como ambos estão se desenvolvendo, que se pode identificar os problemas e as reais razões dos números obtidos, e assim buscando promover estratégias para solucionar os problemas que são percebidos, procurando criar novas políticas que possam promover melhora no âmbito da educação. “As características pessoais do indivíduo, a qualidade e a eficiência do estabelecimento de ensino e o background familiar influenciam o rendimento escolar dos estudantes”. (SAMPAIO; GUIMARÃES p.48).

4.O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático é um recurso considerável para o processo de ensino e aprendizagem, pois ele é uma ferramenta de suporte pedagógico que permite atualidade dos conteúdos, além de proporcionar a organização do currículo escolar, podendo auxiliar no planejamento de aulas e constituir um instrumento de consulta para os alunos e professores. Tendo o poder de construção de conhecimento.

O objetivo desta análise é observar se a literatura afro-brasileira e indígena estão presentes nos livros didáticos de ensino público e privado na cidade de Oeiras- PI. O livro do 3º ano do ensino médio que

vem sendo trabalhado nas escolas públicas e tem por título *O contexto a interlocução e sentido*, contendo 351 páginas e dividindo-se em três partes; literatura, gramática e produção textual. No capítulo 3 (modernismo no Brasil, Primeira geração: ousada e inovação), apresenta o autor Mário de Andrade: a descoberta do Brasil brasileiro, onde de forma sucinta traz Macunaíma: a redefinição do herói nacional.

O livro expõe um tópico chamado seção especial, onde exhibe a literatura e a poesia africana. A África que fala português a narrativa africana de língua portuguesa; Moçambique, um escritor revela seu país. (ABAURRE, M.L.M.; ABAURRE, M.B.; PONTARA, M 2016).

Pode-se perceber a escassez da literatura afro-brasileira e indígenas nas escolas. Embora exista uma lei que diz ser obrigatória a inclusão dessas literaturas, ainda há muito o que melhorar. Ao analisar o livro didático de uma escola privada da cidade de Oeiras PI, utilizando os mesmos critérios de análise do livro da escola pública, tendo como principal foco averiguar a aplicação da literatura afro-brasileira e indígenas e como estão sendo incluídas no contexto sala de aula. Inicialmente podemos notar algumas diferenças. O livro em questão se chama *Pré-universitário edição -2022 Livro 6, da plataforma SAS- plataforma de educação - Ari de Sá*. (PINHATA, JOÃO; LOUVOR, Carlos; MARINHO, Georgia,2022).

Na apresentação do livro observa-se que é 100% voltado para os vestibulares, tendo como foco primordial a prova do Enem. O livro é composto por todos os componentes curriculares, contendo apenas cinco unidades para Linguagens, códigos e suas tecnologias, divididas em gramática, redação, literatura, interpretação textual um e dois. Analisando cautelosamente o livro pré-universitário vimos que não tem referências a textos nem a autores indígenas e afro brasileiro, como dita a LEI Nº 11.645. (BRASIL 2003).

5. LEI DE INCLUSÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E ÍNDIGENA NAS ESCOLAS

A lei de Nº- 10.639\2003 foi criada porque houve uma preocupação em relação ao estudo da história dos povos afro-brasileiro e indígenas. E foi alterada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, o qual também modificou a lei de diretrizes e bases da educação e garantiu a lei 10.639 onde inclui como obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e indígenas nas escolas de educação básica. E assim a lei Nº- 9.394,20 de dezembro de 1996, torna obrigatório nas escolas brasileiras de níveis médio e fundamental, o estudo da história e a cultura afro-brasileira e indígenas por mais que se tornou lei em 2003, esse contexto de inclusão só foi inserido no ano de 2008. (BRASIL, 2003).

De acordo com as leis em questão, as escolas devem incluir a história e as culturas africanas e indígenas, assim dando importância a essas etnias na formação da sociedade brasileira, considerando suas contribuições nas áreas social, econômica, política e cultural na história do Brasil. Perante o exposto, devemos dar a verdadeira importância que essas etnias merecem pois sabemos que os escravizados e os indígenas foram os primeiros povos que habitaram no Brasil. Os escravos transportados para o Brasil pelos portugueses que ao chegar em se depara com os indígenas, que já habitava no território apesar disso é notável a depreciação dos negros e indígenas no Brasil. Esse desprezo da história e da cultura dos negros e indígenas, nos permite afirmar que a cultura dos brancos europeus ainda controla a nossa consciência histórica.

Durante a colonização, os africanos e indígenas eram considerados sem cultura. Essa concepção errônea continua deixando vestígios profundos até os dias atuais. Várias obras que fazem parte da

literatura afro-brasileira e indígenas descrevem a história dos povos originários e são ricas em conhecimento para os alunos, pois tratam das suas origens trazendo a linguagem apropriada de fácil compreensão, uma vez que várias obras podem ser trabalhadas desde da educação infantil até o ensino médio.

6.LITERATURA PÓS-COLONIAL

Inicialmente precisamos entender o que é o pós-colonialismo e seu trajeto até essa separação de colônia e descolonização, entendendo essa figura do opressor e do oprimido. A descolonização é um processo longo, progressivo e contínuo. O Pós-colonial tem como perspectiva teórica reinterpretar o colonialismo como um fato global, trazendo contribuições diferentes no conhecimento como por exemplo: estudos literários, culturais, políticas, ciências sociais, história etc. (GUERRA,2023).

O pós-colonialismo opõe-se à ideia eurocêntrica de evolução, que por muito tempo justificou ideologicamente o processo colonial. Portanto, à medida que os países da Europa ocidental se desenvolveram culturalmente, a ideia de desenvolvimento continuou, e assim surgiu a ideia de desenvolvimento do centro para a periferia. Nesse processo, com a formação da estrutura de conhecimento formada por países poderosos, práticas não europeias foram organizadas e excluídas da produção científica. Por exemplo, vale a pena notar que as ciências sociais parecem explicar a sociedade e como disciplina foi estabelecida nos países europeus em uma época em que esses países eram colônias separadas. O pós-colonialismo busca justamente romper com essa história privilegiada e eurocêntrica e revelar as relações de poder por trás da produção de conhecimento. Nesse contexto, pensadores pós-coloniais tentam desfazer as ideais que inferiorizam os pais que antes eram colônias.

Após a independência do Brasil em 1822, intelectuais e políticos brasileiros enfrentaram o desafio de construir uma identidade nacional na literatura escrevendo obras antigas, e com questionamentos progressivos sobre a construção da identidade brasileira após a independência. (SIMÃO, 2021).

Os pós colonialismo brasileiro só faz sentido se pensarmos de igual modo com discurso racial moderno liberal e misógino e acrescentamos o entendimento de identidade, indígenas e a do homem negro escravizados.

Um dos fatores da colonização que é abordado pela crítica pós colonialista é a grande influência que a Europa exercia sobre os colonizados, a principal delas é a desvalorização do outro, o indígena que tem suas culturas e costumes totalmente aniquilados pela coroa europeia, considerando tais como seres incultos, sem cultura e a partir disso visando implantar suas culturas e costumes com o objetivo de dominar e influenciar de forma direta.

A literatura europeia era o modelo a seguir, definição de ideal, denominado o centro, abolindo então qualquer manifestação cultural, literária que se diferencia de tal. O desenvolvimento dessa literatura pós colonial está diretamente associado a supervalorização e exaltação de tudo a qual pertencia a colônia, representado pelo poder colonizador, em segundo esses textos eram escritos por nativos, que por se sentissem pertencentes a colônia escreviam utilizando como base a literatura europeia, e por fim houve então uma quebra daquilo que vinha sendo produzido, fugindo daquilo em que usavam como base, adquirindo um novo perfil. (BONICCI 1998).

A valorização Europeia está associada ao fator da colonização, o qual que exerce grande influência quanto a proliferação da visão do território Europeu como modelo ideal, e pondo as demais regiões

como inferiores , essa ideia se baseia na Europa como principal referência, e isso se reflete através da arte, da dança, da música e principalmente na literatura que retrata essa visão discriminadora e que se torna racista muitas das vezes, ao pensarmos em literatura , pensamos em cultura e além disso em diferentes cultura, mas muitas vezes isso é negligenciado.

Segundo Dussel na obra “O encobrimento do outro”, onde o autor relata exatamente essa questão da desvalorização dos demais territórios e o eurocentrismo europeu. O autor corrobora que “A Europa se constitui como o centro do mundo (em seu sentido plenário). É o nascimento da modernidade e a origem do seu mito ``. (p.15).

Quando passamos a olhar a literatura nesse aspecto percebe-se a falta de representatividade da cultura africana, e indígena, sendo necessária dar mais ênfase e visibilidade a essa riqueza a qual não são tidas como literatura, quando se tem um conceito literário totalmente contrário a isso, é necessário se entender o porquê, de muitas dessas histórias de vida e de realidade vivenciadas por esses povos não ser vista como literatura e analisarmos porque não são representados como deveriam.

7.ALGUNS PONTOS DE VISTA

De acordo com Thomas (1991 apud ASHCROFT ET AL; BONNICI, T, 1 998) a literatura pós-colonial é uma concepção que tem potencial para ser apreendida pela influência europeia como toda a produção literária dos povos colonizados nos séculos XV e XX. Logo, as literaturas em línguas espanhola nos países latino-americanos e caribenhos; em português no Brasil, Angola, Cabo Verde e, Moçambique; inglês na Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia, Malta, Gibraltar, ilhas do Pacífico e vários países da África, afirmam serem lite-

raturas pós-coloniais e independentemente de todas as suas distinções essas literaturas nasceram a partir da “experiência de colonização”.

Segundo Stuart Hall, o termo pós-colonial não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Pelo contrário, o termo pós-colonial reveste-se de uma transcendência, isto é, ele faz uma releitura da colonização como parte de um processo Global, essencialmente com um caráter transnacional e transcultural, e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou global daquilo que são as grandes narrativas imperiais do passado centradas na nação. António Alone (2015 apud MAIA; HALL, 2011, p. 102). Ainda na visão de Hall, a transição para o pós-colonial é caracterizada pela independência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas elites locais que administraram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. António Alone (2015 apud MAIA; HALL 2011, p. 103). DE ACORDO COM SHOHAT: o mundo vive hoje o período depois do colonialismo e sendo assim, o Pós-Colonial pode facilmente tornar-se uma categoria universal que neutraliza diferenças geopolíticas significativas entre países, já que todos vivem numa época pós-colonial. Ella (1992, apud SHOHAT p. 102; MAIA, António Alone, 2015).

Segundo Edward Said na obra *Cultura e imperialismo* reitera-se que, [...]

“A maioria de nós deveria considerar a experiência histórica do império como algo partilhado em comum. A tarefa, portanto, é descrevê-la enquanto relacionada com os indianos e os britânicos, os argelinos e os franceses, os ocidentais e os africanos, asiáticos, latino-americanos e os australianos, apesar dos absurdos, de sangue derramado, da dor cruel”. (pág. 14).

Nessa perspectiva, entende-se que tal experiência dura e cruel poderia ser considerada e estudada, pois a partir desta realidade vivida a séculos deu-se início as explorações de riquezas que surgiu o

imperialismo, as grandes nações, o poder. Segundo os autores já citados acima houve um grande apagamento acerca dos povos indígenas que habitavam aquela esfera, pois eram considerados povos “incultos, selvagens” e eram escravizados, muitos preferiam morrer ao invés de serem submetidos à servidão e por esta razão houve muitas violências e perseguições contra aqueles povos que ali habitavam.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É importante destacar a análise realizada nos livros didáticos das escolas públicas e privada de cidade de Oeiras PI, buscando abordar a execução dessa inclusão da literatura afro-brasileira e indígena nas escolas, concluindo que, enquanto a escola pública retrata essa literatura de forma sucinta, o ensino privado embora seja visto como ensino de qualidade ele não contempla o estudo desta temática.

Lamentavelmente, vivemos num país onde quase não desfrutamos de projeção alguma na literatura, logo, o estudo pós-colonialista dá privilégios apenas a textos que possuem origem pós-colonial, registrado por autores que vivenciou a degradação de sua cultura pelo colonialismo. Vale respaldar a questão das literaturas pós-coloniais, que embora sejam pós-colonialistas, encontram dificuldades em serem aceitas. Desvaloriza-se autores que não aparecem na lista “Canônica”. Contudo, o conceito de pós-colonial não é tão simples de avaliar bem como parece, deve ser questionado, contextualizado, histórico, geográfico e culturalmente.

É importante pensarmos que a inclusão das literaturas afro-brasileira e indígenas nas escolas, seria uma possibilidade estratégica de combatermos o racismo, por ser uma ideologia convencionalizada na mente das pessoas, ao fazê-lo, estaríamos contribuindo para uma

mudança considerável na visão populacional quanto a discriminação racial ainda muito predominante na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas tecnologias.** Brasília: MEC, 2000.
 _____: **Língua portuguesa /**
 Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, modificada pela **Lei no 10.639**, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de fita.** Rio de Janeiro: Ática, 2000.

BELÉM Valeria. **Ilustrador, Adriana Mendonça.** Coleção, LITERATURA INFANTIL. Data de Publicação, 01/01/2012. Ano de Publicação, 2012. Edição, 1º Ed.

Oré Awé Roiru’a Ma: **Todas as vezes que dissemos adeus.** Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Editora Triom, 1994; 2ª ed., 2002.

ALENCAR, José. **O guarani.** São Paulo, Martin Claret, 2003.

ABAURRE, M.L.M.; ABAURRE, M.B.; PONTARA, M. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

PINHATA, JOÃO; LOUVOR, Carlos; MARINHO, Georgia. **Pré universitário: Educação. SAS- plataforma de educação**: Fortaleza, 2022. 920 p. v. 6.

GUERRA, Luiz antonio. **Pós-colonialismo**. In: **PÓS-COLONIAL**. Referência bibliográfica. <https://www.infoescola.com/historia/pos-colonialismo/>, 1 fev. 2003. Disponível em: infoescola. Pós-colonialismo. In: ANTONIO GUERRA, Luiz. **PÓS-COLONIAL**. Referência <https://www.infoescola.com/historia/pos-colonialismo/> Acesso em: 25 jan. 2023.

SIMÃO, Luciana. **Há literatura pós-colonial no Brasil?** Coluna reflete as razões que ainda tornam importante pensarmos no papel do legado sociocultural do período de colonização do Brasil na literatura nacional. Escotilha, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://escotilha.com.br/literatura/contracapa/ha-literatura-pos-colonial-no-brasil/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

DUSSEL, Henrique: **1492 Encobrimento do outro** (A origem do mito da modernidade)

1º- ed. Petrópolis RJ:vozes1993.

SAMPAIO Breno, GUIMARÃES Juliana: **Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil**. Econ. Apic., 13(1): 45-68, jan-mar 2009.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SHOHAT, Ella. **Notes on the post-colonial. In: Social text.**, No. 31/32, Third World and Post- Colonial issues. Published by: Duke University Press, 1992, PP.99-113.

CAPÍTULO II

GRAMÁTICA NO BRASIL, UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Aurise Soares de Sousa Rosa
Laurení Camilo
Emília da Conceição Leal de Sá
Fábio Araújo Pereira

INTRODUÇÃO

Trataremos de conhecer a história da gramática e sua evolução no Brasil e as motivações em vista a importância de conhecermos a história da gramática que se confunde com a nossa própria história. Claramente a gramática de hoje não é a mesma desde o momento em que ela se originou, visto que a linguagem e suas ramificações estão em constante mudança. A evolução da gramática se inclui também como ela se encontra na contemporaneidade, assim como a gramática evolui, a diversidade gramatical também sofre variações devido à complexidade nela existente. No contexto atual a gramática obviamente exige uma dinâmica mais abrangente, devido à tecnologia, e de como a linguagem muda e com mais rapidez e modernidade.

1.ORIGEM DA GRAMÁTICA NO BRASIL

Segundo Franchi (1991), o que capacita o falante a construir ou interpretar quaisquer frases da língua é a gramática. É muito importante ao tratar-se de gramática saber o que se entende por ela e, de acordo com cada concepção, o que seria saber gramática e o que é ser gramatical. A gramática tradicional tem duas orientações: normativa e descritiva conforme a preocupação dominante de: impor as regras de um padrão linguístico considerado modelo (uso culto formal, sobretudo escrito) e expor os fatos da linguagem. (FRANCHI, 1991, p. 16, 17) A primeira obra é de João de Barros, influente nobre português, proprietário de uma capitania hereditária no Brasil, escritor de obras sobre a História de Portugal e autor da Gramática da Língua Portuguesa (1540), sendo o primeiro gramático da língua lusa, uma vez que Fernão d'Oliveira se autodenominou o primeiro anotador de nossa Língua. A segunda obra é do Padre José de Anchieta, religioso da Companhia de Jesus, enviado ao Brasil para catequizar os índios das

novas terras conquistadas pelos portugueses e autor da *Arte da Gramática da Língua mais falada na costa do Brasil*, em 1595. Ambos os autores são, portanto, protagonistas do período de gramatização que se estendeu do século V d.C. ao século XIX, quando são produzidas gramáticas que, simultaneamente, tornam-se uma técnica pedagógica para a aprendizagem das línguas, inclusive a materna, e um meio de descrevê-las, seguindo a tradição greco-latina.” (Auroux:1992:35,36). Sobre a concepção de gramática normativa repousa a ideia de gramática tradicional, em ambas constatando-se uma inclinação para a modalidade escrita em detrimento de outras esferas de uso da língua, uma busca em construir e ensinar um padrão linguístico, uma concepção de que existem variedades linguísticas dominantes na sociedade superiores a outras consideradas de menor prestígio, a utilização de um aparato categorial, conceitual e terminológico comum, fixo e estanque, em detrimento de lacunas e contradições, casos já apontados por Vieira (2016). Numa perspectiva histórica, pode-se dizer que desde a antiguidade clássica, já se assistia – sobretudo na antiga Grécia e em particular na obra de Aristóteles – ao embate, ainda iminente, entre concepções diversas das funções da linguagem, as quais levariam, na Roma imperial, à consideração da gramática como uma *ars recte loquendi*, evidentemente considerando arte no entendimento clássico de técnica. Na Idade Média, chegou-se, a partir dessa consideração, à dicotomia entre uma gramática fundamentalmente “pedagógica”, representada por Donato, e uma gramática essencialmente normativa, representada por Prisciano, mas é mesmo a partir da Era Moderna, em particular com o advento do Renascimento, que se pôde falar em termos de uma consistente e massiva gramatização, o que redundaria numa distinção mais funcional dos conceitos de normativismo e descritivismo.” (SILVA.2002. p.3). “Tomando como ponto de partida o momento da colocação em curso da gramatização da língua portuguesa no Brasil, no século XIX, e considerando que já em 1907 podemos

reconhecer que os gramáticos brasileiros já se “veem” numa história brasileira, vamos tomar um momento particular nesta história na década de 1920”.

2.MUDANÇAS CONSTANTES.

A mudança gradual que usualmente se vê nos textos é um subproduto de um processo de competição de gramáticas que pode acontecer na mente do falante, processo este que, à medida que o tempo passa, tende a substituir a gramática antiga até o seu completo desaparecimento. (Antonelli,2011.p.18) A Linguística Cognitiva e, conseqüentemente, a Gramática de Construções, compartilha vários pressupostos teórico-metodológicos com a Linguística Funcional, entre os quais, a relação estreita entre a estrutura da língua e o uso que os falantes fazem dela em contextos reais de comunicação, o que significa que a organização gramatical é moldada pelo uso da língua. Nesse modelo, a mudança é regulada pela forma como o conhecimento linguístico se estrutura na mente dos falantes e é impulsionada crucialmente no processo de aquisição da língua materna (LIGHTFOOT, 1999). Desse modo, a mudança não seria regulada apenas pela estrutura gramatical de uma língua particular, mas também por estruturas inatas, comuns a todos os indivíduos da espécie humana, formalizadas através da ideia de uma Gramática Universal (CHOMSKY,2018).A reflexão sobre a Sociolinguística Variacionista baseia-se nos textos balizados. Para o efetivo ensino de Língua Portuguesa no Brasil, considerando os aspectos sociais e linguísticos da realidade dos falantes, é preciso fundamentar os materiais didáticos em obras que considerem as mudanças e a variação inerentes à língua. Neste trabalho, as mudanças linguísticas enquanto fenômenos sociais e heterogêneos são observadas com base na teoria da Variação e Mudança, elaborada por Labov (1982). A partir desses estudos, é possível observar a mudança

em tempo real, reconhecendo que há princípios restritivos que comandam as mudanças, além de princípios intermediários da mudança.(BARONAS.2020)

3.CONTRIBUIÇÕES DOS FILÓSOFOS PARA A GRAMÁTICA

Nos apontamentos de aula, Bakhtin menciona um modo de ensinar gramática, tornando claro para os alunos resultados diferentes a partir de diferentes escolhas linguísticas. Para o autor, que também foi professor, dando aulas em Saransk, um dos aspectos negativos do ensino era a reprodução de modelos na construção de textos, sem que se observassem outras possibilidades de elaboração, bem como os efeitos que poderiam ser extraídos dos recursos linguísticos. O modelo repetido de modo quase mecânico era o de estruturação de frases extensas, subordinadas, pautadas pela construção lógico/coesiva. A proposta de ensino, na perspectiva de Bakhtin, consistiria em mostrar os efeitos de períodos breves, sintéticos, necessários para agilização da comunicação em oposição aos períodos mais longos, subordinados. Deve-se entender que, nessa época, os meios de comunicação estavam sendo difundidos e exigiam brevidade e síntese.”(PUZZO.2012.p.6) “Os pressupostos lógico-linguísticos de Aristóteles eram sempre semânticos e sintáticos, o que contribuiu para o aparecimento da abordagem estática, que continuou com o modelo semiótico triádico de seus predecessores, mas que alterou a sua lógica, que, de uma concepção a partir da cópula, da união de um sujeito a um predicado, sendo o sujeito a sua base ou o seu princípio, passava a ter como elemento principal o verbo, ou seus casos.(OLIVEIRA.p.233)

4. DIVERSIDADE GRAMATICAL.

Gramática normativa estabelece as normas do falar e escrever corretamente. Apenas considera a língua exemplar, isto é, a forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica; Gramática descritiva: ocupa-se da descrição dos fatos da língua, enfatizando as variações linguísticas, e não apenas estabelecer o que é certo ou errado; Gramática histórica: tem como objetivo estudar a origem e a evolução histórica de uma língua. São os estudos diacrônicos da língua. Gramática comparativa: tem como objetivo estabelecer correspondências entre diferentes línguas para assim estabelecer suas relações de parentesco. Coutinho (1976, p.13) conceitua gramática histórica “como a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo desde a origem até a época atual”. Para ele, o objeto da gramática histórica é mais amplo do que da Gramática Expositiva, Descritiva ou Prática, pois, enquanto esta estuda o estado atual das línguas, aquela busca no passado às origens. Ela vai ao período de formação para explicar as transformações que essa mesma língua passou em sua evolução através do espaço e do tempo (DIAS.2015.p.122).

5. GRAMÁTICA MODERNA

Estudar gramática normativa é essencial, mas esse não é o único assunto com que você precisa se preocupar para empregar a Língua Portuguesa de maneira correta. Tão importante quanto conhecer a norma culta do idioma é conhecer suas variações, as influências culturais que moldam a linguagem, os recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação, as figuras de linguagem, interpretação de texto e a função social dos sistemas de comunicação. Por isso, além de questões sobre regras gramaticais, você precisa estudar os diferentes tipos de texto, como jornalístico, literá-

rio, científico, publicitário, crônica, charge e quadrinhos. Até mesmo a interpretação de imagens ou de letras de música pode ser cobrada na prova. A Gramática Comparada ou Linguística Comparada surgiu no século XVII, mas ganhou força somente na primeira metade do século XIX (Alemanha) com os pensamentos voltados para a ideia de um ideal universal das línguas, tendo como referentes razões bíblicas, crenças, formação de uma gramática universal, preocupando-se então com os aspectos diacrônicos das línguas, como elas evoluem. Buscavam compará-las e, assim, encontrar parentescos entre as diversas línguas. É uma proposta de comparar elementos gramaticais de línguas de origem comum a fim de detectar a estrutura da língua original da qual elas se desenvolveram (Martelotta, 2013,p.47). Os estudos da gramática comparada podem ser suscitados pelo linguista americano Robert Trask (2004) como a busca pela origem em comum de um grupo de línguas. A gramática comparada assume, em sua essência, duas principais características, podendo ser sincrônica ao deter-se a descrever os fatos, ou diacrônica ao buscar suas bases históricas para embasar sua explicação. Compreende-se a concepção de estudo comparativo pela busca nas identificações de possíveis semelhanças e/ou diferenças nas relações intralinguística de duas ou mais línguas em seus conceitos semânticos.(MELO, PIMENTEL .p.698) A Gramática Comparada é considerada como o primeiro método de pesquisa dos estudos sobre linguagem. Ficou conhecida como tendo origem no século XIX na obra de Franz Bopp, mas, como processo, existia desde muito antes. No século XIX, as mudanças sociais e políticas permitiram questionamentos impossíveis nos séculos anteriores, dominados pela Santa Inquisição. Essas mudanças, realizadas pelo Iluminismo e formalizadas pela Revolução Francesa, são de extrema e fundamental importância para o nascimento das ciências modernas, as teorias evolucionistas não eram possíveis antes. Nos estudos sobre a linguagem, o marco inicial do pensamento moderno, foi o que comumente é cha-

mado de a “descoberta do sânscrito”, a partir do qual se fez a hipótese do indo-europeu, e a Gramática Comparada nasceu como método científico. História já muito conhecida “a descoberta do sânscrito” (MILANI.2008.p.7)

Ferdinand de Saussure mostrou novos caminhos para a Gramática Comparada e esteve nas fontes do desenvolvimento desta disciplina pelos neogramáticos. A investigação sobre a linguagem feita por Saussure - a Lingüística - passa a ser reconhecida como estudo científico crítico português, a grande descoberta de Saussure é “o caráter dialógico da linguagem”, em primeiro lugar; em segundo lugar é que esse diálogo atravessa toda a obra saussuriana como uma conversão entre a unidade (identidade) e a diferença Para Saussure a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma. As concepções de Saussure foram a mola propulsora do estruturalismo europeu, Saussure separa a língua de fala. SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou , por meio de uma análise sobre a gramática no Brasil traçar uma linha cronológica sobre a mesma, desde sua origem até os tempos atuais, como também a sua importância para que possamos conhecer a nossa história. No que tange o ensino da gramática no Brasil percebemos que a mesma foi de suma importância, desde sua origem, para o ensino e aprendizagem das pessoas que não possuíam um saber a respeito da mesma, mas que com o passar do tempo filósofos como Aristóteles e Bakhtin propuseram estudos próprios a respeito de períodos sintáticos e semânticos que foram de suma importância para a constituição da gramática .Percebemos também que a gramática passou e passa por constantes mudanças, presentes nas suas diversidades gramaticais bem como na

sua variação linguística, mais que nos tempos atuais percebe-se uma maior abrangência em relação a mesma devido o uso das tecnologias. Ademais os achados dessa pesquisa são úteis para que possamos entender e utilizar essa evolução da gramática e suas ramificações como ensino em espaços acadêmicos bem como em outros afins.

REFERÊNCIAS:

ANTONELLI, André. 2011. Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu, Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270500>

AUROUX, Sylvain, (1992) A revolução tecnológica da gramatização. Campinas/SP: Editora da UNICAMP.

BARONAS, Roberto Leiser. (org.). Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.

COUTINHO, I. de L. Gramática Histórica. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CHOMSKY, Noam. Sobre mentes e linguagem. *ReVEL*, vol. 16, n. 31, 2018. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. [www.revel.inf.br]

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica. 2015

FRANCHI. C. Criatividade e gramática. São Paulo: SE/CENP, 1991.

RAJAGOPALAN, K. Teorizando a resistência. In: SILVA, D. E. G.; VIEIRA, J. A. (Org.). Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos. Brasília: UnB. Oficina Editorial do Instituto de Letras; Ed. Plano, 2002. p. 203-220

LIGHTFOOT, David. The development of language: acquisition, change, and evolution. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1999.

LABOV, William. Building on empirical foundations. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982.

MILANI, S. E .HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA: LÍNGUA LINGUAGEM. Revista UFG / Dezembro 2008 / Ano X. nº 5

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2013, p. 43-70

OLIVEIRA, Luis Roberto. Cadernos do CNLF, vol. XXIII, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019.

TRASK, Robert L. Dicionário de linguagem e linguística. São Paulo: Contexto, 2004.

VIEIRA, F. E. Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas?. In: FARACO, C. A.; VIEIRA, F. E. (org.). Gramáticas brasileiras: com a palavra, os leitores. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 19-69.

CAPÍTULO III

VOZES NEGRAS: PRINCIPAIS AUTORAS E SUAS OBRAS

Maria Lacerda de Melo
Luísa Vitória, Ravenna Marques
Claudiana Soares
Ana Cristina Bispo
Ranne Kainni
Fábio Araújo Pereira.

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, ressalta-se que desde séculos as mulheres são tidas como seres frágeis e inferiores aos homens, devido características biológicas e também em virtude da ideologia preconceituosa que a define como infantil, fraca, submissa e passiva, ao contrário do homem, visto como maduro, forte, viril e racional. Esses fundamentos caracterizaram a figura feminina como indefesa e subjugada, que precisa ser protegida, ou, dominada por alguém, sendo este “protetor” e provedor do lar, o homem.

Desde a idade média, a elite burguesa estabelecia que a mulher teria que ser esposa, dona de casa e uma mãe exemplar, exercendo como papel principal na orientação das jovens moças, ensinando-as como deviam se portar, falar e vestir, onde elas, como consequência, seguiam o mesmo destino da mãe, de dar continuidade ao processo de *domesticação*. Assim, a mulher, primeiro, estaria sob o comando do pai e logo depois sujeita às vontades marido, ou seja, eram sempre submetidas a uma posição de controle, longe de um espaço social, político e igualitário, vivendo de tal modo que não desfrutavam de um tratamento digno.

Com muita luta e passando por um longo processo histórico, as mulheres foram se unindo e reivindicando por seus privilégios, chegando a um momento em que a proporção dessas mulheres se tornou tão significativa que fez surgir um movimento de mulheres, nomeado como feminismo. Elas pediam por direitos iguais, pela inclusão da categoria na política, no mercado de trabalho, dentre outras reivindicações, entretanto, esse movimento não incluía a realidade das mulheres negras, da violência a que eram submetidas e da falta de oportunidades oriundas do racismo que sofrem e que marginalizam sua imagem, tornando-as refém de um sistema que determina que elas sejam me-

lhores em tudo que fazem, e que sobretudo, as inferiorizam, realidade que, em geral, não acontece com a mulher de pele clara.

1 AUTORAS NEGRAS: O QUE ELAS TÊM A DIZER.

A *Mulher, Raça e Classe*, de Ângela Davis, onde ela faz uma crítica ao feminismo que afirmava representar todas as mulheres, mas que na verdade só representava um singular grupo de mulheres brancas. Desse modo, viu-se a necessidade de criar o feminismo negro, termo que surgiu nos Estados Unidos da América em 1970, utilizado para designar um movimento de mulheres negras que atuavam na questão da defesa de gênero e também na luta antirracista.

A literatura feminista negra não se resume somente a temas sobre preconceito, discriminação, opressão e aos abusos pelos quais as mulheres negras passaram e que até hoje passam. Esse movimento dedica-se também às lutas, desafios e às resistências diárias que tiveram, em vista disso, é sobre esse enfrentamento que tratam as autoras e as obras trabalhadas neste artigo que lançam com propriedade, questionamentos e formas de libertar as mulheres da opressão histórica vivida por seus antecedentes, que por conseguinte, se faz presente na atualidade.

¹ A socióloga e filósofa Patrícia Hill Collins, nasceu na Filadélfia, Pensilvânia em 1 de maio de 1948, sendo uma das principais pesquisadoras do feminismo negro nos Estados Unidos. Ela estudou na Filadélfia em escolas públicas e em 1969 graduou-se em sociologia. Posteriormente, no ano de 1984, em Brandeis, conquistou seu doutorado em sociologia. Saliente-se ainda que Patrícia foi a primeira mulher afro-americana a desempenhar o cargo da Associação Americana de Sociologia. Em vista disso, sua contribuição para a temática feminista negra é de grande importância.

¹ Referência: https://pt.wikipedia.org/wiki/Patricia_Hill_Collins

O livro *pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, escrito em 1990 de sua autoria, por exemplo, é uma obra que trabalha a respeito de algumas temáticas, dentre elas, o pensamento feminista negro, evidenciando algumas autoras como Angela Davis e Djamila Ribeiro, mulheres que também preservam o pensamento feminista negro. Refletindo acerca disso, Rosânia, (2019, p.192) apoia-se na socióloga e aponta que:

Nesta primeira parte, a socióloga adota pressupostos alternativos para definir o Pensamento Feminista Negro, por consequência, propõe a desconstrução da noção de intelectual seguida por uma nova redefinição.

Assim, Patrícia busca conceituar o pensamento feminista negro redefinindo um novo conceito de intelectual, declarando que todas as mulheres afro-americanas que engrandecem sua teoria social crítica são classificadas como intelectual. Ainda em referência ao feminismo, Patrícia (2019, p.8) defende a concepção de que o feminismo detém o propósito de preservar o empoderamento e a emancipação das mulheres, que o pensamento social marxista busca por uma sociedade mais justa e a teoria *queer* oposta ao heterossexismo.

Diante disso, infere-se que a principal finalidade do movimento feminista é defender o empoderamento feminino, tornando a mulher capaz de se evoluir e fortalecer diante das circunstâncias, bem como, lutar por seus direitos e pela igualdade de gênero, desconstruindo preconceitos presentes no meio social.

O feminismo negro não surgiu de um movimento feminista mais amplo promovido por mulheres brancas. Ao contrário, para mim, ele se originou no reconhecimento crescente da necessidade da análise de gênero dentro dos projetos ativistas negros. Não seria possível libertar as mulheres negras sem levar tanto raça quanto gênero em conta. (COLLINS p.1086-1087).

No ponto de vista da socióloga, o feminismo negro não se manifestou de um movimento formado por mulheres brancas, mas

sim da necessidade de explorar o gênero nos projetos ativistas negros. Assim sendo, havia a necessidade de um movimento direcionado às mulheres negras para reivindicar sobre seus direitos em um contexto próprio, por conseguinte originou-se o feminismo negro.

Collins (2019, p.08) aponta que tanto a teoria social crítica das afro-americanas quanto o pensamento feminista negro abrangem relações de poder parecidas. Assim, a teoria social crítica para as afro-americanas diz respeito aos conjuntos de conhecimentos e práticas institucionais que as estadunidenses negras como coletividade enfrentam. Já o pensamento feminista, como teoria social crítica, apresenta compromisso com a justiça, tanto em relação às estadunidenses negras como coletividade, tal como, para os demais grupos oprimidos.

Segundo Patrícia (1990) “proibir mulheres negras de votar, excluir de cargos públicos afro-americanos e mulheres e recusar tratamento equitativo no sistema de justiça criminal: tudo isso substancia a subordinação política das mulheres negras”. Em outras palavras, o isolamento da mulher na sociedade, a segregação e exclusão da mulher negra, apenas contribui para que a mesma seja cada vez mais vista com inferioridade, exercendo um papel de menor relevância na sociedade.

De acordo com Collins (1990) somente “a partir da década de 1960, as estadunidenses negras têm ocupado cargos de docência e pesquisa no ensino superior em número inédito, ainda que pequeno”. Partindo dessa afirmação, depois de vários desafios, as negras estadunidenses, gradualmente, foram ocupando determinados cargos, mesmo sendo pequena essa parcela de mulheres.

Em suma, o livro se direciona especialmente às mulheres afro-americanas, tratando sobre questões mais abrangentes como gênero, raça, classe, etc. O trabalho trata principalmente das mulheres negras,

exibindo suas ideias e como elas lidam com a opressão e as adversidades. Logo, Patrícia não busca apenas conquistar sua voz na sociedade, além disso, ela procura dar voz à todas as mulheres negras, ou seja, à coletividade.

A obra debatida obteve reconhecimento nacional, sendo de fácil compreensão, já que, o intuito da socióloga era elaborar uma obra onde as afro-americanas que não tinham uma boa escolarização, pudessem entendê-la com facilidade. Em conclusão, Patrícia Hill Collins tem grande importância para a temática do feminismo negro, pois, confere voz às mulheres negras partindo de pressupostos atuais de expor ideias das mesmas. Ademais, ressalta-se que Patrícia também produziu outros diversos trabalhos, tais como: *Interseccionalidade*, 2016, *Black sexual politics*, 2004. *Intersectionality as critical social theory*, 2019. *Pensamento feminista negro*, 1990. *On intellectual activism*, 2012. *Fighting words: Black women and the Search for justice*, 1998. *Intersectionality*, 2nd edition, 2022. *Bem mais que ideias: A interseccionalidade como teoria social crítica*, 2022. *Another kind of public education: Race, schools, the media, and democratic possibilities*, 2009. *From black power to hip hop*, 2006. *Black feminist thought, 30th anniversary edition: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*, 2021. *Schwarzer feminismus: Grundlagentexte*, 2019. *Introdução ao pensamento feminista negro/ por um feminismo para os 99%*, 2021.

Outra autora importante para esse assunto é a Lélia Gonzalez, nascida em Belo Horizonte (MG) em 1 de fevereiro de 1935, ela veio de uma família humilde, filha de pai negro e ferroviário, mãe indígena e empregada doméstica, teve 17 irmãos (entre eles o futebolista Jaime de Almeida). Mudou-se para o Rio de Janeiro com a família ainda criança, em 1942. Nessa época seu pai já havia falecido. Concluiu os estudos básicos em 1954, na tradicional instituição carioca Colégio Pedro II. Seus primeiros trabalhos foram como empregada doméstica e babá, o

que já nos dá uma dimensão de sua vivência como integrante da base da pirâmide social, ocupada principalmente pelas mulheres negras.

Mesmo com dificuldade, concluiu sua formação acadêmica em História e Filosofia pela Universidade do Estado do Guanabara (atual UERJ). Lecionou em escolas públicas, finalizando mais tarde o mestrado e o doutorado em estudos antropológicos e políticos com viés para as questões de gênero e de etnia. (EBIOGRAFIA,2022).

Sua atuação abarcou diversas áreas, participando de coletivos e movimentos como o Movimento Negro Unificado, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Olodum. Além disso, também esteve envolvida com a política partidária e foi integrante do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) nos anos 80. Escreveu, ainda, muitos artigos para jornais e revistas. (EBIOGRAFIA, 2022). Lélia Gonzalez faleceu em 11 de julho de 1994, aos 59 anos, no Rio de Janeiro (RJ). (EBIOGRAFIA,2022)

O legado que Lélia Gonzalez deixou é enorme e essencial na construção filosófica, teórica e prática de movimentos antirracistas e feministas, com posicionamento alinhado à luta de classes. Com uma retórica de fácil entendimento e apoiada em argumentos sólidos, a pensadora conseguiu difundir suas ideias de maneira eficaz e objetiva. Apesar de inspirar-se nos movimentos negros que despontavam nos EUA, Gonzalez esteve atenta às especificidades da América Latina. Por isso cunhou termo Amefricanidade, para se referir à questão dos negros e negras em solo latino-americano. (EBIOGRAFIA,2022)

De acordo com (SANTOS,2021):

Lélia participou de várias organizações de mulheres sem nunca deixar de fazer crítica as contradições ao feminismo tradicional e até então é hegemônico, para ela esse feminismo não conseguia reconhecer a diversidade interna do movimento de mulheres, por isso reivindicavam um feminismo afro latino-americano. (GONZÁLEZ,1988, P.18).

Essa perspectiva, citada por Lélia Gonzalez, mostra que a sociedade coloca tanto o homem como a mulher pertencentes a mesma situação enfrentada no cotidiano, entretanto, é a mulher negra que continua sendo a grande vítima de preconceito racial, discriminação, opressão e violência sexual. A respeito de todos esses problemas enfrentados pela mulher negra, conseguimos entender o quanto é importante às realizações de manifestações e movimentos, pois, a mulher negra é tratada somente como simples objeto sexual para homem, não servindo para dominar, ter poder e respeito na sociedade.

Outro conceito abordado na obra de Lélia Gonzalez que se torna bastante importante, é a questão da linguagem, onde mostra que a autora busca na linguagem brasileira elementos racistas que dizem muito sobre essa sociedade. A partir disso, ela fala que se trata de uma linguagem inovadora. Para Lélia, é através da linguagem que o ser humano consegue revelar seu lado racista diante das adversidades presentes na sociedade.

A autora exhibe também que suas obras têm diferentes formas da linguagem e sua importância, e também da grande influência que a mulher negra tem em relação ao conceito de linguagem cultural. Além disso, Gonzalez apresenta em suas obras que, é através da mulher negra que considera-se a cultura negra do Brasil, sendo três figuras principais, a figura da mãe preta, a doméstica e da mulher negra mulata. Todas essas figuras, até os dias atuais, só servem para exploração sexual e do trabalho, bem como, da desvalorização da mulher. Acrescenta-se ainda que as principais obras de Lélia Gonzalez foram: *Festas Populares no Brasil. Rio de Janeiro, Índex, 1987. Lugar de Negro (com Carlos Hasenbalg). Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982. 115p. p. 9-66. (Coleção 2 Pontos, 3.). Por um Feminismo Afro-Latino-Americano. Rio de Janeiro: Zahar. Ensaios e artigos "Mulher Negra, essa Quilombola." Folha de S. Paulo, Folhetim. Domingo 22 de novembro de 1981. "A Mulher Negra na Sociedade*

Brasileira. In: LUZ, Madel, T., org. *O Lugar da Mulher; Estudos sobre a Condição Feminina na Sociedade Atual*. Rio de Janeiro, Graal, 1982. 146p. p. 87-106. (Coleção Tendências, 1.). "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira." In: SILVA, Luiz Antônio Machado et alii. *Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e outros Estudos*. Brasília, ANPOCS, 1983. 303p. p. 223-44. (Ciências Sociais Hoje, 2.). "O Terror nosso de Cada Dia." *Raça e Classe*: 8, ago./set. 1987. "A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade." *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro (92/93): 69-82, jan./jun. 1988. "As Amefricanas do Brasil e sua Militância." *Maioria Falante*: 5, maio/jun. 1988. "Nanny." *Humanidades*, Brasília (17): 23-5, 1988. "Por um Feminismo Afrolatinoamericano." *Revista Isis Internacional*., out. 1988. "A Importância da Organização da Mulher Negra no Processo de Transformação Social." *Raça e Classe*. (5): 2, nov./dez. 1988. "Uma Viagem à Martinica - I." *MNU Jornal*.

Proporcional ao pensamento das autoras anteriores, agora aborda-se sobre Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, nascida em 24 de junho de 1950 em São Paulo. Ela é uma Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro. Fez a graduação e o doutorado em filosofia pela universidade de São Paulo (USP) e é fundadora do GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra, considerada uma das pensadoras mais relevante para feminismo negro no Brasil (LITERAFRO, 2021). Mesmo tendo essa relevância no cenário da literatura afro-brasileira, podemos observar situações como a descrita abaixo:

Em 1983, durante o longo processo de redemocratização do país, o governo do Estado de São Paulo criou o Conselho Estadual da Condição Feminina, porém sem nenhuma negra dentre as trinta e duas componentes. Sueli Carneiro foi uma das lideranças do movimento que se engajou na campanha da radialista Marta Aruda pela abertura de espaço no Conselho para este segmento, campanha que logrou êxito (LITERAFRO, 2021).

Esse acontecimento demonstrou que mesmo diante da grande importância que a mulher preta tem para o referido conselho, ainda assim não ocupa espaços importantes como esse, assim eram conse-

quentemente excluídas de lugares que proporcionam espaço para lutar por suas causas. Mas, Sueli, sendo visionária, buscou, por meios de comunicação, evidenciar a importância da mulher preta neste conselho e em demais espaços em que as mesmas têm direito.

Ainda, segundo Literafro (2021), em 1988, Carneiro criou o instituto da mulher negra (GELEDÉS), onde foi a primeira organização negra feminista de São Paulo. Meses depois ela foi convidada para integrar o Conselho Nacional da Condição Feminina, em Brasília. Logo, fundou o único programa brasileiro de orientação na área da saúde própria para mulheres negras. Toda semana mais de trinta integrantes do chamado “segundo sexo” são atendidas por psicólogos e assistentes sociais e também, participam de palestras sobre sexualidade, contracepção, saúde física e mental na sede do Instituto.

A autora é uma das principais referências na discussão do feminismo negro no Brasil e das cotas raciais nas universidades. Já foram publicados mais de 150 artigos em jornais e revistas e 17 livros com relação aos temas que a autora aborda. Ela é considerada porta-voz de uma geração e também é ativista antirracista do movimento social negro brasileiro. Suas obras tem uma grande relevância na vida cultural e social do país, gerando grande impacto nas ciências jurídicas, por movimentar a militância de raça e gênero (SBMFC, 2023).

Sueli ganhou uma série de prêmios e homenagens como: prêmio Bertha Lutz (2003); menção honrosa no prêmio de direitos humanos Franz de Castro Holzwarth; Prêmio Direitos Humanos da república francesa; Prêmio Benedito Galvão (2014); Prêmio Itaú Cultural 30 Anos (2017); Prêmio Especial Vladimir Herzog (2020) (LITERAFRO, 2021). Suas principais obras são: *Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil* (2011); *Selo negro e mulher negra: política governamental e a mulher* (1985) em parceria com Thereza Santos e Albertina de Oliveira Costa; *Escritora de uma vida* (2018); *Dispositivo de racialidade: A construção do outro*

como não ser como fundamento do ser (2023); Interseccionais idades: pioneiras do feminismo negro brasileiro (2020).

Evidenciando uma de suas grandes obras, podemos observar em *Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil (2011)* que Sueli expressa dores enfrentadas pela cultura afro-brasileira no seu processo de reconhecimento. Como, por exemplo, quando retrata na obra, o surgimento pela primeira vez no Plano Plurianual (PPA) de 2000 a 2003 do governo Lula a cultura afro-brasileira como um dos macro-objetivos (CARNEIRO, 2011).

Observa que o PPA 2000-2003 incluiu entre seus 28 macro-objetivos apenas um, definido como cultura afro-brasileira, o que, para o autor, reflete a visão governamental de tratar “as características da população afrodescendente como mera peculiaridade cultural” – além de ressaltar que a “promoção da cidadania dos afrodescendentes extrapola qualquer valorização restrita ao campo da cultura, permeando os campos da segurança pública, prevenção e superação da violência, acesso a serviços de educação, saúde, lazer, esporte, transporte, moradia, dentre outros”. (CARNEIRO, 2011 p. 20).

Em *Suma*, Carneiro (2011), demonstra através da citação acima, com relação à análise de Iradj Egrare ao PPA (2004-2007), que ainda há a ausência generalizada da transversalidade de raça nas políticas públicas, ou seja, ainda é falha a tentativa de ampliação de estudos sistematizados para a educação da cultura afro-brasileira a fim de expandir conhecimentos sobre a realidade e as questões de vida da mesma. Tudo isto torna a situação ambígua, pois, os desejos políticos expressos na carta de intenção do documento “Um Brasil de todos” contradizem com o silenciamento e ocultamento da causa de desigualdades raciais e de gênero, explícito na elaboração do PPA (2004-2007).

Angela Yvonne também foi outra grande e importantíssima autora. Davis nasceu no dia 26 de janeiro de 1994 na cidade de Birmingham, no estado de Alabama, Estados Unidos. É uma professora e filósofa socialista estadunidense que conquistou a notoriedade mun-

dial na década de 1970 como membro do partido comunista dos Estados Unidos, dos Panteras negras, por sua ativação pelos direitos das mulheres e lutando contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos, é uma referência entre os marxistas e por ser uma figura do mais polêmico e famoso julgamento criminais e recente história dos EUA. (BOITEMPO, 2022).

Referência mundial, Angela Davis é uma grande ativista pelos direitos dos negros e das mulheres. A mesma conviveu desde cedo com preconceitos raciais em um dos estados mais racistas do sul do país. Angela, ganhou bolsa de estudos para estudantes negros sulistas em escolas do norte dos EUA. Isso a levou a estudar no Greenwich Village, em Nova Iorque, onde conheceu o comunismo e o socialismo teórico.

Por meio de seu ativismo, ao longo de muitas décadas, a autora esteve profundamente envolvida em movimentos pela justiça social em todo o mundo. Seu trabalho como educadora, tanto no nível universitário quanto na esfera pública, sempre enfatizou a importância de construir comunidades de luta pela justiça econômica, racial e de gênero.

Nos últimos anos, segue fazendo palestras, principalmente em universidades, e se mantém como uma figura proeminente na luta pela abolição da pena de morte na Califórnia. Ainda, recebeu o Prêmio Lênin da Paz. É autora de dez livros, entre eles “Mulheres, Raça e Classe”, “Mulheres, Cultura e Política”, “Estarão as prisões obsoletas?” e “A democracia da abolição”. Em sua trajetória, lecionou nos Estados Unidos, Europa, África, Ásia, Austrália e América do Sul. (PUCRS 2020). Suas principais obras são: *Mulheres, Raça e Classe* (2016) *Mulheres, Cultura e Política* (2017) *A liberdade é uma luta constante* (2018) *Estarão As Prisões Obsoletas?* (2018) *Angela Davis: Uma autobiografia* (2019).

Angela Davis é uma das mais importantes feministas contemporâneas. Sua potente história de luta política encarnou uma geração de reivindicações por humanidade, igualdade e liberdade não só para o povo negro, mas para todas as parcelas oprimidas da sociedade. O sentido de suas reflexões aliaram, como ninguém, teoria e prática, em uma leitura da história, da sociedade e da política, que estiveram e ainda estão fundamentalmente conectadas com um novo devir, uma transformação profunda da realidade e, portanto, seu pensamento entra no rol das teorias críticas, do pensamento produzido desde a subalternidade e de profundo valor para um outro mundo possível. (SCIELO, 2016).

A recusa a um olhar ortodoxo mantém Davis atenta às questões contemporâneas, que abarcam desde a cantora Beyoncé à crise de representatividade. A discussão feita por ela sobre representação foge de dicotomias estéreis e nos auxilia numa nova compreensão. Acredita que representação é importante, sobretudo no que diz respeito à população negra, ainda majoritariamente fora de espaços de poder. (DAVIS, 2016. pg.19).

Acerca do que Davis destaca, podemos observar o exemplo da Beyoncé, onde ela menciona que apesar dela ser uma artista mundialmente conhecida, ainda assim, faltam manifestações a respeito da representatividade da mulher negra. Mas é perceptível o grande avanço que se deu para que houvesse a discussão que se faz presente e importante. Diante do que é exposto, o movimento feminista não tinha uma ampla abordagem racial, não era comentado dessa forma. A dupla discriminação que as mulheres sofrem, tanto pelo gênero quanto pela raça é muito grande.

CONCLUSÃO

Tendo em vista as questões mencionadas, concluimos que a literatura embora seja completa e abrangente com a exposição de pensamentos filosóficos de grandes escritoras que procuram apontar as

lutas e as conquistas do feminismo negro, fica evidente a dificuldade imposta para que essa luta seja devidamente reconhecida, e com isso faça com que a mulher negra conquiste seu espaço. Pelo fato da dominação da cultura branca, fica evidente a discriminação, desvalorização e preconceito. Precisa-se que haja cada vez mais olhos, vozes e ouvidos atentos para enfrentar esse desafio social. Porque tudo que rebaixa, ridiculariza e priva o outro (mulher negra) do seu direito, está errado. As autoras supracitadas são de grande importância, pois defendem os movimentos antirracistas e feministas com segurança e representatividade. Por isso, foram feitas essas grandes escolhas, para que suas histórias e obras sejam vistas e contempladas, e através disso possa-se conhecer essa luta em busca do reconhecimento da mulher negra na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PATRICIA Hill Collins. [S. l.], 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Patricia_Hill_Collins. Acesso em: 1 fev. 2023.

NASCIMENTO, Rosânia. COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro. 1ª Ed. boitempo, 2019.

PEREIRA, Cristina Jaquetto, COSTA, Joaze Bernardino. O feminismo negro de Patrícia Hill Collins: uma conversa sobre conhecimento, poder e resistência. Revista Sociedade e Estado. V.36, n.03. setembro/dezembro, 2021.

COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro**. [S. l.]: Boitempo editorial, 2019. 480 p. v. 1. ISBN 9788575597187, 8575597183. Livro digital.

AIDAR, biografia de Lélia González; ebiografia, 19 de jan. de 2022. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lelia_gonzalez/

SANTOS, O.L.B.A; a influência do pensamento de Lélia González para a formação do feminismo negro brasileiro descolonização e americanidade.

Cadernos de gênero e tecnologia. SÃO LEOPOLDO, V-14, N-44, P-504 a 520. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em 23 de jan. 2023.

NATASHA, Redemunhado; por um feminismo afro-latino-americano; há 1 ano. Disponível em: https://youtu.be/dLbT_SUACQQ

CARNEIRO, S. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil / Sueli Carneiro – São Paulo : Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, S. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. Minas Gerais, 11 de março de 2021, disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/ensaistas/1426-sueli-carneiro>>.

CARNEIRO, A. S. SBMFC: sociedade brasileira de medicina família e comunidade. 2023. Disponível em: <<https://www.sbmfc.org.br/aparecida-sueli-carneiro-jacoel/>>.

Quem é Angela Davis. Publicado em 10/03/2022. <https://blogda-boitempo.com.br/2022/03/10/quem-e-angela-davis/>. Acessado em 26/01/2023

Quem é Angela Davis. Por PUCRS Online 22 de Julho de 2020. <https://online.pucrs.br/blog/public/quem-e-angela-davis>. Acessado em 26/01/2023.

A tradução do pensamento de Angela Davis para o Brasil: por uma história das origens interseccionais do feminismo*

Davis, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/D5rQkWFmJwSK9vTKzDZC8F-Q/?lang=pt>. Acessado em 26/01/2023

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. [S. l.]: Boitempo editorial, 2016. 248 p. v. 1. ISBN □ 8575595032

CAPÍTULO IV

RELIGIÃO E LITERATURA: PERCEPÇÕES, ENCONTROS E POSSIBILIDADES.

Kadmiel Muniz Bispo de Araujo
Leiliany de Sousa Carvalho
Francisco Jackson da Silva Santos
Luana Viana Castelo Branco Nunes
Matheus Sousa Cavalcante.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma discussão teórica que tem como base o catolicismo no Brasil e as influências que o mesmo trouxe para a literatura. Visa também apresentar em qual momento da história do Brasil o catolicismo passou a ser manifestado na literatura. Partindo de estudos teóricos de Thales Azevedo (2002) e sua concepção sobre o catolicismo no meio social. Sobre como a literatura jesuítica foi fundamental para os invasores no processo de colonização na perspectiva de Ana Paula Mernardi (2010), além disso será abordado como os críticos literários lidam com os textos religiosos, na visão de Marcelo Schincariol (2006). Assim, este artigo é um convite para compreendermos sob um olhar teórico como o catolicismo surgiu no Brasil e como de fato as primeiras manifestações literárias partiram dos padres jesuítas, sendo eles membros da igreja católica principal instituição do século XVI.

2 O CATOLICISMO NO MEIO SOCIAL

Estudar sobre o catolicismo no Brasil é de suma importância para entendermos até mesmo a origem desse país, pois, tudo começa com a chegada dos portugueses numa terra na qual eles ainda não tinham conhecimento, e tudo passou a ficar ainda mais intenso a partir de 1549, quando os Jesuítas chegaram em terras brasileiras, desde então o catolicismo passou a influenciar a sociedade e consequentemente a literatura. Por isso existe a importância de estudar sobre esse tema.

O Catolicismo no Brasil caracteriza-se como um estudo pioneiro. Quem, antes de Thales de Azevedo, escreveu a respeito do Catolicismo no Brasil, como fizeram, entre outros, Gilberto Freyre e Fernando de Azevedo, se limitou, quase sempre, a escrever somente

poucas páginas sobre o tema, ao analisá-lo do ponto de vista da sociologia ou da antropologia. (AZEVEDO, 2002, P.8).

O momento em que o catolicismo atuou com mais força foi ainda no período colonial do Brasil, afinal de contas através de vários meios, sejam por crônicas de viagens ou qualquer meio literário, ele deixou a sua marca porque atuou de diversas formas aqui do Brasil. Devido a isto houve uma necessidade de organizar melhor a respeito deste tema, devido às diversas formas que o catolicismo atuou. Após demonstrar a necessidade de organizar-se a respeito do Catolicismo no Brasil, “uma completa bibliografia crítica de quanto existe, em livros e revistas, em anais de congressos, em pastorais, em crônicas de ordens religiosas, em crônicas de viajantes que estiveram no Brasil desde os tempos coloniais, em boletins e folhas de propaganda, em panfletos de combate da Igreja às heresias e aos seus adversários ou de ataque destes àquelas, em romances e novelas, em obras teatrais, em anedotários, em histórias folclóricas, em cancioneros e romanceiros, em artigos e editoriais da 10 imprensa diária e periódica, leiga ou religiosa, em tratados, monografias e ensaios de história, nos livros e artigos de protestantes, de espíritas, e teosofistas e outros, inclusive comunistas e ateus ou indiferentes, que se ocuparam da vida religiosa nacional e dos costumes, dos modos de pensar dos brasileiros ou de grupos de estrangeiros, residentes no Brasil” (Azevedo, 2002, p.10)

Mesmo atuando com grande intensidade nos primeiros 500 anos de colonização, nem todos os fiéis seguiam a doutrina imposta pela igreja católica de forma genuína, então a religião era irregular e solta com muitos pontos de desconexão com os fiéis e a igreja. O escritor Thales de Azevedo diz: A percepção da particularidade e “irregularidade” do catolicismo brasileiro não é nova: já na primeira parte do século passado, visitantes, tanto europeus como norte-americanos, tinham observado, com pesar, que o catolicismo brasileiro não funcio-

nava segundo o figurino, escapava ao programado pela oficialidade da Igreja. (AZEVEDO, 2002 p.12) Mesmo havendo muitas pessoas que na prática não exerce a obediência de acordo com a doutrina da igreja católica, ficou enraizado a essência da fé católica no povo brasileiro, mesmo que muitas pessoas não vão à igreja, muitas acreditam na existência do Deus da fé católica, como também os seus princípios.

Se é verdade que o povo brasileiro, exceto um pequeno círculo de fiéis, não liga muito para as coisas da Igreja e mesmo assim se considera católico no sentido pleno, isso não se deve a alguma negatividade, mas deve ser encarado de forma positiva. Corresponde à vida vivida, é verdadeiro e por conseguinte deve ser respeitado e positivamente avaliado. Na sua imensa maioria, a população brasileira é católica “sem Igreja”, escapa à Igreja. (AZEVEDO, 2002 p.12 e 13)

O foco do estudo dos nossos sociólogos por muitas das vezes se distancia do estudo sobre a religião, muitos aspectos do que envolve a sociedade são trabalhados, mas percebe-se por muitas das vezes um distanciamento no que se diz respeito aos assuntos religiosos, enquanto em outros países isto não acontece. Como diz Azevedo: “Os estudos de sociologia da religião, enquanto floresçam noutros países, como que não existem ainda no Brasil.” (AZEVEDO, 2002 p.19)

Mas, realmente singular é o que se passa com a religião; sobre esta não há, por bem dizer, nada. Não que o assunto não tenha sido tratado, aqui e ali, em umas poucas linhas, em algumas páginas, até em capítulos inteiros, em várias das obras sobre a formação da sociedade brasileira (AZEVEDO, 2002 p. 21)

Algo curioso para se analisar, é que o catolicismo que chegou ao Brasil sofreu algumas alterações, pois, devido ao medo de ser influenciado por coisas externas ele acabou se fechando para outras culturas, em contrapartida o catolicismo dos imigrantes trouxe consigo

uma flexibilidade que possibilitou uma adaptação. Então, abrindo ou se fechando para as culturas das regiões brasileiras, ele sofreu modificações.

Sucedeu por efeito do relativo isolamento, às subculturas das regiões em apreço; catolicismo novecentista dos imigrantes europeus, enxertado sobre a mesma matriz, porém adaptado, através de uma história diferente daquela a áreas agrícolas e industriais e a meios urbanos mais dinâmicos; e no catolicismo mais tradicionalmente brasileiro, o culto dos santos, as devoções domésticas, as promessas, as romarias, as “bandeiras” e as “folias” do Divino, as irmandades, a posição e o papel das pessoas simplesmente religiosas e daquelas consideradas “beatas” e “carolas”, bem como dos clérigos, do seminarista, do antigo seminarista, do padre egresso; as maneiras de participação nos atos do culto; as funções sociais, integrativa e coesiva, da religião; as relações da Igreja para com outras instituições (AZEVEDO, 2002 p. 21)

Para Azevedo é de suma importância o estudo da atuação do catolicismo na sociedade brasileira, afinal de conta é fácil identificar os problemas e onde acontece os acertos, mas, o estudo serve de certa forma para melhorar a atuação da igreja. Isto se confirma em uma de suas falas que vai levar em consideração a situação atual:

Se considerarmos a situação do catolicismo no Brasil, fácil será verificar quantos dos seus problemas, das suas dificuldades e dos seus êxitos estão por explicar e como seria vantajoso, para a atuação e o apostolado da Igreja, que se conhecessem a natureza, as relações entre muitos aspectos da vida religiosa e as condições gerais da nossa sociedade. (AZEVEDO, 2002 p. 27)

Através das modificações que possibilitou a adaptação do catolicismo aqui no Brasil, Azevedo vai relatar em uma de suas falas algumas características dessa religião aqui no Brasil. Também podemos

concordar com ele que o catolicismo brasileiro herdou características de outras regiões, e que mesmo com as dificuldades ele foi sobrevivendo. Azevedo fala que:

O catolicismo brasileiro herdou características de muitas regiões e países a tolerância e maleabilidade dos portugueses a turbulenta e dura religiosidade espanhola de modo geral a vida religiosa dos brasileiros católicos a símbolos de adoração como santos e padroeiros de cidades ou protetores das lavouras. – um culto em grande parte doméstico e que não se conforma muito estreitamente com o calendário oficial da Igreja nem com as prescrições litúrgicas; esse culto traduz-se muito em novenas e orações recitadas e cantadas, em procissões e em romarias aos santuários em que se veneram as imagens mais populares ou têm sede algumas devoções favoritas do povo; manifestam-se também por meio de promessas propiciatórias, com oferendas materiais ou “Sacrifícios” aos santos para que atendam às súplicas dos seus devotos. (AZEVEDO, 2002 p. 36)

Enfim podemos concluir com base na visão de Azevedo, que em modo geral o catolicismo brasileiro não foi um dos melhores, até porque ele não chegou aqui no Brasil de uma forma muito agradável, pois, ele veio com os portugueses em um período que o Brasil passou por muita turbulência, e dor para os povos originários dessa terra, mas, mesmo assim ele sobreviveu até os dias de hoje.

Uma opinião curiosa, discutível em suas conclusões, mas de qualquer modo digna de consideração, foi emitida em 1945 pelo jesuíta Pe. Peter M. Dunne, chefe do Departamento de História, da Universidade de São Francisco da Califórnia, no seu livro *A Padre views South America.* “O catolicismo brasileiro não foi sempre do melhor tipo. Muitas vezes tem sido displicente e letárgico. Não foi o protestantismo que o fez assim... Talvez um pouco de oposição estimule a

Igreja brasileira a uma energia ainda maior de ação e a uma lealdade mais segura aos altos ideais espirituais”, p.138. (Azevedo, 2002 p. 55)

A literatura de viagem e a literatura jesuítica e o processo de conquista e colonização do novo mundo. Com a chegada dos portugueses às índias no ano de 1500 iniciou-se o processo de colonização, através da literatura de catequese ministrada por padres, foi feita a catequização dos povos colonizados considerados “pagãos” que habitavam as terras invadidas. O ingresso do Brasil no mundo ocidental cristão se deu pelo processo de colonização portuguesa que envolve aspectos como ocupar, cultivar a terra e dominar seu povo através da catequese e da educação. Neste processo de conquista e colonização portuguesa estiveram presentes a literatura de viagem e a literatura jesuítica. (MENARDI 2010.P.18) A literatura jesuítica foi de suma importância no processo de conquista, visto que os jesuítas faziam relatos escritos sobre o novo mundo e a partir desses relatos, Menardi (2010, p.65) descreve que era possível conhecer o modo de vida e a cultura dos povos nativos, facilitando a dominação.

Viajantes e jesuítas, com seus relatos e escritos, que compõem a literatura de viagem e a literatura jesuítica, foram partes integrantes do quadro do processo de conquista e colonização à medida que ofereceram informações necessárias para o registro das descobertas dos novos territórios, para o conhecimento dos novos povos, seus costumes e modos de vida até então desconhecidos, possibilitando o encontro entre o “civilizado” e o “incivilizado”, possibilitando uma aproximação entre o Velho e o Novo Mundo uma vez que através de suas descrições, narrações, interpretações e representações o tornou assimilável para os europeus, fator de grande importância no processo de dominação e colonização dessas novas áreas remotas, promissoras de riquezas a serem exploradas e na conversão ao cristianismo desses novos “bárbaros”, conhecer para dominar. (MENARDI 2010 P. 65)

A igreja católica está presente em toda a história de formação do Brasil, Mernadi (2010, p.19) retrata que os jesuítas eram europeus religiosos que foram formados pelos dogmas da igreja católica, limitados apenas a posição de “soldados de cristo”, dessa maneira a principal função dos jesuítas era catequizar os nativos, uma vez que a sociedade portuguesa vivia em função da igreja. A literatura de catequese foram textos produzidos durante o movimento literário quinhentista, foi considerada as primeiras manifestações literárias no Brasil as principais características dessa literatura são a literatura de caráter religioso, linguagem simples, temas pautados na fundamentação religiosa cristã, seu principal autor foi José de Anchieta (1534- 1597) escreveu sermões, poemas e peças teatrais a respeito do Brasil.

Em se tratando de escritos jesuíticos seja sob a forma de poesias, poemas, peças teatrais, cartas, narrativas ou tratados, o objetivo central era dar a conhecer o trabalho de catequese e educação, desenvolvidos pelos padres membros da Ordem inaciana, estando fortemente impregnado de um caráter religioso. (MENARDI ,2010 P.67)

2 RELIGIÃO E LITERATURA

A influência do catolicismo na literatura na visão de vários autores é parecida, onde esses autores concordam que existe sim a influência do catolicismo nas manifestações literárias e também no desenvolvimento de gêneros literários. Na visão de Castro e Schettino:

“Desde muito cedo a arte da escrita, e por assim dizer também poética, fora utilizada como linguagem responsável por veicular valores religiosos e espirituais ao ser humano ao longo da história, sendo importante não apenas para a composição de textos sagrados considerados canônicos, como também pode ser considerada o meio pelo qual algumas manifestações do sagrado se apresentam na literatura, o que

podemos considerar experiências religiosas literárias, que puderam ser passadas às gerações e chegar até nós. Nesse sentido, temos uma literatura religiosa e espiritual que se manifesta em diferentes meios culturais e em diferentes culturas por intermédio de diversas formas de escrita, portanto, desse fato advém um longo caminho de técnicas de interpretação de tais textos, que foram moldando inúmeras hermenêuticas e visões de mundo para a apreensão do texto literário e sagrado, por isso podemos almejar e vislumbrar um longo caminho de pesquisas e inovações de tais técnicas”. (CASTRO E SCHETINO, 2022, p.677)

Como foi mencionado anteriormente, que existe um certo receio dos estudiosos de estarem estudando acerca da literatura de cunho religioso, porém, esse afastamento da religião não só aconteceu em alguns aspectos da sociedade brasileira, mas também na literatura, mesmo o catolicismo carregando consigo fortes marcas no meio literário, ainda acontece essa exclusão. Em entrevista para o Vatican News o professor Leandro Garcia, da Universidade de Minas Gerais, disse: “a literatura brasileira tem uma presença do catolicismo muito forte, embora um grande erro da historiografia nossa no Brasil seja ignorar isso. Porque, infelizmente, a nossa historiografia foi muito marcada por historiadores marxistas que não só negaram como deletaram essa presença do sagrado católico, do catolicismo, não apenas na nossa cultura mas, de forma específica, na nossa literatura. Porque a nossa literatura nasce sob o signo católico que é justamente chamada de literatura jesuítica. As nossas primeiras manifestações literárias foram dos padres missionários: do Pe. Vieira, com os Sermões e as Cartas, e do Pe. Anchieta, no teatro e na poesia. Eles conseguiram, através da catequese que foi feita inicialmente no Brasil, desenvolver todos os gêneros literários da nossa literatura. Depois, uma nova presença muito

forte do catolicismo é na poesia de Gregório de Matos no barroco brasileiro. ” (Silvonei José e Collet..., 2018)

Ainda em sua entrevista, podemos perceber, que por muitas das vezes os estudos relacionados à religião acabam sendo deixados de lado, porque para muitos a religião, literatura e estudos acadêmicos não se misturam. Para o professor Leandro Garcia, da Universidade de Minas Gerais:

“As faculdades de Letras no Brasil e a crítica literária brasileira perderam muito em negar porque, segundo eles, é coisa de católico, é coisa de gente religiosa, então isso não deve ser estudado. E pra mim é o contrário: tem de ser estudado!” (Silvonei José e Collet..., 2018)

Continuando nessa mesma visão, Carvalho também vai afirmar a importância de unir a literatura e a religião, esses dois temas podem ser trabalhados de forma que não haja preconceito entre ambas as partes podendo enfim trabalhar juntas. Para Carvalho: “Estudos acerca da relação entre religião e literatura não são mais novidade no meio acadêmico. Análises literárias de textos sagrados e leituras teológicas de obras literárias procuram dar conta de uma relação incontestável entre a literatura e a religião. Principalmente os estudos de teologia e literatura já alcançaram considerável espaço e muitas obras, hoje, propõem reflexões teológicas a partir de clássicos da literatura universal. A aplicação da teoria literária à leitura dos textos bíblicos também já alcançou um estatuto notável; e muitas obras se dedicam hoje a esta perspectiva de leitura da Bíblia. ” (Carvalho. 2010, p. 2):Em uma de suas falas, podemos concordar, que através da literatura podemos ter uma maior compreensão de textos religiosos, assim Carvalho mostra mais uma vez que a literatura e a religião podem sim serem trabalhadas juntas. Carvalho, continua dizendo que: “ Em outra perspectiva de estudos, mais centrada na literatura, procura notar como esta pode permitir uma maior compreensão do fenômeno religioso, ou de como

ela expressa este fenômeno. Em outras palavras procura-se fazer uma interpretação das narrativas ficcionais, da poesia e do drama a partir de uma perspectiva religiosa". (Carvalho 2010, p. 2) Podemos perceber que textos religiosos ainda sofre grande preconceito por parte de muitas pessoas que pensam que literatura e religião não se misturam, porém, concordamos com Carvalho em seu ponto de vista de que ambas podem sim viver em conjunto, e que devem sim, serem estudadas e estarem nas grades de estudos acadêmicos.

3 COMO O CRÍTICO DEVERIA LIDAR COM TEXTOS RELIGIOSOS.

Anselmo Amoroso Lima foi um dos grandes intelectuais que participou do movimento católico aqui no Brasil, uma das coisas que mais o preocupava era a forma com que os críticos literários iriam lidar com algo novo que estava surgindo, que era a literatura católica. Em um de seus artigos que foi mencionado na revista *A Ordem*, vai trazer uma de suas falas que:

"Uma hipótese menos simplista a esse respeito seria a de que a literatura católica surgia ainda como novidade desconcertante para os críticos - particularmente quando se pensa nos autores brasileiros -, requerendo inclusive novos instrumentos de análise e novas medidas de julgamento e valoração". (SCHINCARIOL, T. M., 2006. P 100, 101). Saber lidar com o novo é de suma importância e Anselmo sabe muito bem disso. Por isso, ainda na revista, também vai nos mostrar na visão de Anselmo as coisas que contribuíram para que os críticos errassem ao lidar com a literatura católica. Em 1944, a redação da revista "*A Ordem*" apresenta um artigo de Alceu Amoroso Lima que nos interessa mais de perto 13. Como se explica, nele o crítico teria respondido explicitamente às questões sobre o verdadeiro espírito em que se deve exercer a crítica literária e quanto à subordinação da arte das letras à

moral; além disso teria fornecido elementos para se formar um juízo pertinente em relação à atitude de uma consciência integralmente católica diante de uma nova literatura (católica) que surgia. Tratando do exercício da crítica literária de um ponto de vista mais amplo, Alceu Amoroso Lima acredita que um dos erros do seu tempo é o que chama de “metafísica implícita”, ou seja, agir de acordo com um ponto de vista ou uma determinada concepção de vida sem confessá-la ou mesmo procurar conhecê-la - em sua concepção, todo mundo faz metafísica sem saber ou sem querer. O ponto a que pretende chegar é o de que toda crítica supõe uma filosofia de vida, ainda que essa filosofia seja a de não ter nenhuma filosofia. Tratar-se-ia antes de mais nada de, assumindo-a, “jogar um jogo franco” (SCHINCARIOL, T. M., 2006. P 101;102. De fato, podemos perceber que quando alguém apresenta uma crítica sobre algo, ela também vai carregar consigo a sua filosofia mesmo que de forma indireta ou sem perceber. Como também é importante antes de fazer qualquer crítica, buscar conhecer mais sobre a obra literária, para que assim não venha acontecer julgamentos sem que haja o devido conhecimento sobre o assunto. Em uma de suas falas ele vai descrever muito bem o primeiro passo para se realizar uma boa crítica, mas podemos encarar isso como um conselho pessoal de Anselmo. “Ver o mundo em todos os seus aspectos, encarar a verdade de todos os lados deveria ser a primeira preocupação do crítico. (SCHINCARIOL, T. M., 2006. p 102).

Dessa forma podemos perceber que para fazer uma crítica de fato construtiva é necessário ter uma visão mais ampla e menos fechada para que não venha gerar ignorância. Algo interessante que ele veio a falar, é que o erro de muitas pessoas é separar aquilo que talvez venha a funcionar melhor em conjunto. Um exemplo disso pode ser visto na seguinte afirmação: Arte, Ciência, Filosofia e Religião seriam apenas pontos de vista relativos de um conjunto. Quanto a essa dis-

tribuição de valores (estéticos), nos ensinaria justamente a autonomia relativa de cada um deles, um não anulando o outro, cada um se explicando por si mesmo, tendo um fim em si mesmo. (SCHINCARIOL, T. M., 2006. p 103.) Buscar a harmonia entre a arte, ciência, filosofia e religião, embora possa parecer controvérsia, pode ser na verdade uma saída para fugirmos da ignorância. Podemos concordar com Anselmo no ponto de vista de que estes conceitos funcionam melhor juntos, talvez dessa forma as pessoas poderiam ver o mundo de uma outra forma bem melhor.

CONCLUSÃO

Portanto, como Azevedo afirmou o estudo sobre esse tema, é de suma importância, pois, ele faz parte do processo de formação da sociedade brasileira, por ele está neste território desde a chegada dos portugueses. Porém, o catolicismo não se limitou somente no meio social, como também se adentrou na literatura brasileira. Tudo começou com a literatura de viagem e a literatura de catequese, é por isso que as suas marcas na literatura não são de hoje. Negligenciar o estudo da literatura católica é também ignorar traços do passado que remetem ao nascimento do Brasil. Desta forma, conclui-se que a religião e a literatura não devem ser tratadas com coisas opostas, como do mesmo modo, afirmou o professor Leandro Garcia, é algo que deve ser estudado. Também, devemos olhar os textos religiosos com um olhar diferente sem preconceito, assim como Anselmo Amoroso diz que, devemos analisar os textos com olhar crítico, mas, sem se esquecer de que a arte, religião, ciência, e filosofia são coisas que devemos levar e consideração trabalhando de forma em que nenhuma venha anular-se a outra, e sim completá-las. Conclui-se que o catolicismo está presente na literatura desde a formação do Brasil, por isso, devemos lidar com

as marcas presentes na literatura sem preconceito, ademais, buscando sempre a harmonia entre o olhar crítico e a religião.

REFERÊNCIAS:

Azevedo, Thales De. O catolicismo no brasil: um campo para a pesquisa social/Thales de Azevedo. Coleção nordestina- Nº 26, 2002. P. 8-55

MENARDI Ana Paula Seco 2010 Biblioteca da Faculdade de Educação UNI CAMPI. P. 18 - 67

CASTRO, Rafael; SCHETINO, Maria Conceição. Religião, Catolicismo e Literatura. II Simpósio Internacional Estudos do Catolicismo: Concílio Vaticano II, v. 2 , n. 1 (2022) p. 677, 697, 698, 07 de março, 2022. Disponível em: https://www.pliniocorreadeoliveira.info/TD_2022_Concilio_Vaticano2.pdf#page=677 Acesso em: 30/01/2023

SILVONEI, José; ANDRESSA, Collet. Catolicismo na literatura brasileira: da negação na história à redescoberta, VATICAN NEWS, 05 de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-01/catolicismo-na-literatura-brasileira--da-negacao-na-historia-a-r.html> Acesso em: 27/01/2023

CARVALHO, Vinicius Mariano. Religião é Literatura: Algumas Inter-relações Possíveis, v. 4 n.1 (2001): nuem 06, revista de estudos e pesquisa da religião, p. 02, 08 de novembro, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21707> Acesso em: 28/ 01/ 2023

SCHINCARIOL, T. M. Catolicismo, Romance Católico e Crítica Literária no contexto da Revista A ordem. Revista de Estudos da Religião.n 4, p 96-124, 2006.

CAPÍTULO V

O FICHAMENTO COMO RECURSO DE PESQUISA CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE.

Aleluia Alves de Carvalho
Rone de Sousa Pereira
Samara Marques de Sousa

INTRODUÇÃO

O fichamento é um gênero acadêmico que se constitui pela produção de fichas, sendo uma maneira de resumir tudo aquilo que foi lido, seja de um texto, de um livro, de um artigo ou até mesmo de um capítulo. Trata-se de anotar as ideias principais da obra no qual se está fichando. Pode-se dizer que esse registro escrito – o fichamento – é um novo texto, cujo autor é o “fichador”, seja ele aluno ou professor. A prática do fichamento representa um importante meio para exercitar a escrita, essencial para a elaboração de resenhas, papers, artigos, relatórios de pesquisa, monografias de conclusão de curso, etc. Além de ser uma das bases da leitura acadêmica, segundo o pensamento da autora Magna Campos(2012-2013). O fichamento é, portanto, uma técnica de trabalho intelectual que consiste no registro sintético e documentado das ideias e/ou informações mais relevantes (para o leitor) de uma obra científica, filosófica, literária ou mesmo de uma matéria jornalística, nas palavras do autor;

A importância do fichamento para a assimilação e produção do conhecimento é dada pela necessidade que tanto o estudante, como o docente e o pesquisador têm de manipular uma considerável quantidade de material bibliográfico, cuja informação teórica ou factual mais significativa deve ser não apenas assimilada, como também registrada e documentada, para utilização posterior em suas produções escritas, sejam elas de iniciação à redação científica (tais como os primeiros trabalhos escritos que o estudante é solicitado a produzir na academia); de textos para aulas, palestras ou conferências, no caso do professor; ou, então, do relatório de pesquisa, elaboração da monografia de conclusão de curso do graduando, da dissertação de mestrado, da tese do doutorando. (SALOMON, 1997, p. 88-102 apud CAMPOS, 2012-2013, p. 16).

A importância do fichamento para a assimilação e produção do conhecimento é dada pela necessidade que tanto o estudante, como o docente e o pesquisador têm de manipular uma considerável quantidade de material bibliográfico, cuja informação teórica ou factual mais significativa deve ser não apenas assimilada, como também registrada e documentada, para utilização posterior em suas produções escritas. Por isso que o fichamento é importante para o meio acadêmico. “O fichário é constituído primeiramente pelas fichas de documentação temática. Baseia-se nos conceitos fundamentais que estruturam determinada área do saber. Cada estudante pode formar seu fichário de documentação temática relacionado ao curso que está seguindo, a partir da estrutura curricular de mesmo”. (SEVERINO, 2000, p.38, FILHO, p.4) Com base em tudo isso, é coerente dizer que o fichamento tem uma grande importância dentro dos gêneros acadêmicos. Segundo os autores Henriques & Medeiros(1990, p.59), o fichamento divide-se em 3 partes, sendo cada uma diferente da outra, como o “fichamento de transcrição ou também chamada de fichamento de citação, o fichamento de indicação bibliográfica e o fichamento de resumo.” A metodologia abordada neste trabalho, baseia-se na pesquisa bibliográfica, tendo como referências, os estudos dos autores como Campos (2012-2013), Salomon (1997), Severino (2000) e Henriques & Medeiros (1990) e outros. Onde para a análise bibliográfica foram utilizados livros, sites, artigos que tratam do estudo em questão. Esse artigo divide-se em quatro partes fundamentais, sendo o fichamento bibliográfico, de resumo, de citação e por último de opinião, onde tanto o primeiro, como os demais vão detalhar cada uma de suas formas, além de citar exemplo, para um melhor embasamento dos tópicos a seguir.

1 FICHAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Essa ficha bibliográfica, deve conter além de um pequeno resumo do texto, deve compor também todos os dados bibliográficos citados na obra, para nortear o leitor na hora de pesquisar as referências bibliográficas encontradas no texto, como o nome do autor, local de publicação editora, e etc. O fichamento bibliográfico deve conter o nome do autor (na chamada), o título da obra, edição, local de publicação, editora, ano da publicação, número do volume se houver mais de um e número de páginas. E no corpo do texto, um resumo sobre o assunto do livro ou do artigo, incluindo detalhes importantes sobre o tema tratado que possam ajudar ao pesquisador em sua tarefa de pesquisa, seja em que nível for. (CAMPOS, 2012-2013, p.19). Ou seja, o fichamento bibliográfico é um resumo com as principais ideias abordadas em uma determinada obra, sem esquecer que o fichamento pode ser feito no meio que o pesquisador, aluno ou professor preferir. Ou seja, em uma de papel ou documento do Word, Google Docs e editores de texto de preferência. Sendo utilizados para identificar obras, conhecer resumidamente o conteúdo do material fichado, buscar facilmente as citações e referências, iniciar a crítica e comentário sobre o conteúdo e para embasar a produção de textos acadêmicos. Mantendo sempre objetivo e organizado. De acordo com algumas ideias dos autores Baltar, Cerutti-Rizzatti e Zandomenego (2011). A ficha bibliográfica é feita em uma folha de papel ou documento do Word, Google Docs e editores de texto de preferência. Sendo utilizados para identificar obras, conhecer resumidamente o conteúdo do material fichado, buscar facilmente as citações e referências, iniciar a crítica e comentário sobre o conteúdo e para embasar a produção de textos acadêmicos. Mostrando sua importância no gênero acadêmico, além de podermos observar, como e onde podemos produzir essas fichas, que irá ajudar o leitor na hora de organizar os seus materiais de estudo.

2. FICHAMENTO DE RESUMO

O fichamento de resumo é elaborado com as próprias palavras do autor do fichamento, ou seja, deve-se construir com base na interpretação do texto. Pode-se utilizar esse tipo de ficha para expor, abreviadamente, as principais ideias do autor ou também para sintetizar as ideias principais de um texto ou de uma aula. A ficha de resumo deve ser breve e redigida com as próprias palavras, não precisando obedecer a estrutura da obra. (MAGNA CAMPOS, 2012-2013, p. 19). Este tipo de fichas dá atenção à estrutura do texto, registrando as ideias apresentadas em uma sequência lógica, expondo os pontos principais e secundários, bem como os argumentos, justificativas, exemplos etc. ligados a eles. Como o nome deixa entender, esse fichamento busca resumir com mais detalhes, de forma completa. Não deve ser longo, mas nunca curto demais, como um sumário de partes do texto. A sua elaboração inclui as referências do texto, o destaque de citações relevantes do texto e considerações pessoais a respeito do texto. (MELO, 2016). Essa ficha registra as ideias apresentadas em uma sequência lógica, expondo os pontos principais e secundários, bem como os argumentos, justificativas, exemplos etc. Como o nome deixa entender, esse fichamento busca resumir com mais detalhes, de forma completa, por isso que esse fichamento é importante, porque vai fichar basicamente as ideias principais da obra.

3. FICHAMENTO DE CITAÇÃO

Segundo Campos (2012-2013), “o fichamento de citação consiste na transcrição fiel do trecho da obra estudada, sendo uns dos tipos de fichamentos mais comuns no início do curso de graduação”. O fichamento de citação reúne os elementos relevantes do texto. Este tipo de fichamento consiste basicamente em transcrever trechos dos textos

a que se refere, material produzido como uma seleção de informações para estudo e consulta posterior. Por isso, a linguagem empregada é a mais próxima possível de seus interlocutores. (CUNHA,2022, p.56-57). Já este tipo de ficha, tem como ideia principal, destacar e opinar de forma clara e objetiva, tornando-se um fichamento que vai fazer uma análise crítica de todos os trechos da obra, armazenando a visão geral do leitor sobre obra fichada. mostrando-se sua grande importância dentre os gêneros acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou classificar o fichamento como importante gênero acadêmico no meio universitário, onde tanto professor quanto aluno poderão produzir e utilizar suas próprias fichas, a fim de economizar tempo na hora de um trabalho de pesquisa. Além disso, relacionou-se os principais métodos e exemplos para elaborar cada tipo de fichamento, a saber, o fichamento bibliográfico, resumo, citação e de opinião. Nesse sentido, conclui-se que o gênero em questão, pode ser utilizado como mecanismo de auxílio para elaboração de dissertações, artigos, monografias, ou até mesmo em uma tese de doutorado. Portanto, uma análise sobre os tipos de fichamento mostra-se de grande importância para o estudo dos gêneros acadêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTAR, Marcos Antonio Rocha; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; ZANDOMENEGO, Diva. Leitura e produção textual acadêmica I. Florianópolis: LLV/CCE/UESC, 2011.

CAMPOS, M. Manual de gêneros acadêmicos; Resenha, Fichamento, Memorial Resumo Científico, Projeto de Pesquisa, Artigo científico/paper e as Normas da ABNT. Mariana- MG: 2012- 2013.

CUNHA, Juliana Pereira Macêdo. A escrita do Gênero Fichamento de Opinião na Universidade: O feedback como possibilitador de uma reescrita rescrita responsiva. Porto Nacional/ TO: UFT, 2022.

FILHO, José Rômulo de Magalhães. Como fazer fichamento de textos acadêmicos. Disponível em: <https://www.jrmf.pro.br>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MEDEIROS, João Bosco. Redação científica a pratica de fichamentos, resumos, resenhas. 5.ed. São Paulo: Atlas 2003

MELO, Carolaine. In: Fichamento acadêmico: o que é e como fazer. [S. l.]: UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZONIA, 24 out. 2016. Disponível em:

<https://www.unama.br/noticias/fichamento-academico-o-que-e-e-como-fazer>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

CAPÍTULO VI

GRAMÁTICA HISTÓRICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.

Juliana Carvalho
Maria Carla, Maria Clara
Maria Isabel
Maria José e Shirley Anjos

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta análises sobre a gramática, de modo a compreender que existem vários conceitos sobre ela, ademais exemplificamos acerca dos tipos de gramáticas existentes além da gramática histórica, a normativa, descritiva e comparativa. Tais estudos investigam e ajudam a entender todo o processo e mudanças das línguas até os dias de hoje. Nesse sentido buscaremos compreender como tais mudanças ocorreram ao longo do tempo por meio da gramática histórica e como ela contribui para que houvesse o surgimento das línguas que conhecemos atualmente.

Este artigo pretende de forma breve realizar considerações sobre a gramática histórica. Com o objetivo de expor algumas dessas gramáticas existentes e desse modo abordar um pouco sobre elas e seus autores. Nessa perspectiva é importante, de início destacar que existem vários conceitos sobre gramática e é nesse viés que vamos destacar alguns conceitos que segundo o escritor, Ismael de Lima Coutinho, apresenta estudos acerca da gramática histórica “como a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo desde a origem até a época atual”. (COUTINHO 1976, P.13).

GRAMÁTICA HISTÓRICA

Inicialmente é importante e necessário ressaltar que a gramática histórica de Coutinho é considerada importantíssima para desenvolver estudos sobre a língua portuguesa. Nessa perspectiva a autora Ana Lourdes Cardoso Dias (2015) escreveu um artigo sobre Coutinho e sua gramática histórica e nele ela vai enfatizar o que Coutinho (2015) pretendia com sua gramática histórica, segundo ela “Para ele o objeto da gramática histórica é mais amplo do que da Gramática Expositiva,

Descritiva ou Prática, pois enquanto esta estuda o estado atual das línguas, aquela, busca no passado às origens.” (DIAS, 2015, p, 122)

Assim, para Ana, Coutinho (2015) queria com sua gramática histórica investigar como ocorrem as transformações da língua desde o seu surgimento até no momento presente e isso é um fator que faz com que essa gramática de Ismael seja tão importante para a nossa língua. Outro ponto a ser ressaltado é que essa gramática histórica de Coutinho (2015) é voltada para estudos diacrônicos, pois o mesmo contribuiu muito para estudos sobre a evolução da língua, é nesse sentido que Dias destaca as leis fonéticas presente na gramática histórica de Ismael que explica a mudança das palavras, são elas: lei do menor esforço, lei da permanência da consoante inicial e lei da permanência da silábica tônica. Ela caracteriza as três como: A lei do menor esforço, ou da economia fisiológica é uma lei universal, está em todos os ramos da atividade humana. Ela consiste em simplificar os processos empregados pelo homem na realização de sua obra. Como lei fonética, aplica-se no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação dos fonemas. [...] Quanto à lei da permanência da consoante inicial, as evoluções das consoantes, na passagem do latim para o português, dependiam da posição em se que ocupava na palavra. As consoantes iniciais passam para o português sem se alterar, na maioria dos casos. Enquanto as médias e finais estão sujeitas a modificações e quedas constantes.[...] No que se refere à lei da persistência da tônica, o que se pode observar nas palavras portuguesas é a permanência da acentuação tônica do latim. O acento tônico, ao ser preservado, guardou a essência da palavra que ficou ameaçada pelas transformações e quedas dos fonemas.(DIAS, 2015, p. 129 - 130)

1 COUTINHO, LINGUAGEM E AS LEIS FONÉTICAS

As leis fonéticas, em Coutinho, são princípios que governam as evoluções dos vocábulos. Elas diferem das leis naturais, visto que estas são universais e eternas, enquanto aquelas são condicionadas ao tempo e ao espaço. No entanto, faz uma ressalva, em nota de rodapé, que a existência das leis fonéticas é contestada pelos linguistas Modernos (COUTINHO, 1976, p.135)

As mudanças constantes e regulares trazidas pelas leis fonéticas, mais precisamente as mudanças observadas na evolução da língua, são aspectos fundamentais para os estudos da gramática histórica e para compreender a gramática desde o seu início, visto que é a partir da fonética que estuda os sons das palavras de uma forma aprofundada e precisa. Isto é, algo no qual é essencial para o estudo das palavras e o conhecimento da linguagem, pois quando se trata do estudo da língua, a linguagem e a fala, trabalham em conjunto, uma vez que ambas se complementam, andando lado a lado. A origem da linguagem é uma das questões que mais tem preocupado o espírito humano. Desde remota antiguidade, vem sendo discutidas pelos sábios, sem que até agora tenham chegado a um acordo. (COUTINHO,1938, p.24)

A linguagem é algo que vem sendo motivo de investigações e estudos para ter um maior conhecimento, tendo em vista que a mesma traz consigo inquietações desde o início das suas indagações. De acordo com Coutinho (1938), a linguagem mesmo com tantos estudiosos procurando saber mais, ainda assim, causam inquietações, visto que quando se trata da gramática e das linguagens todos temos uma maneira diferente de interpretar e compreender, de certo modo que a linguagem é um fator que tem múltiplas interpretações, sendo quase impossível chegarem ao mesmo consenso. Manuel Pacheco da Silva Junior de 1878, "Gramática Histórica da Língua Portuguesa"

Manuel Pacheco é um dos representantes que trabalha a questão da gramática histórica, sendo que o mesmo e alguns outros autores, irão buscar estudar a língua a partir da formação das palavras e também considerando seus aspectos naturais e sociais, para assim entendermos esse processo que a língua passou até chegar a nossa língua atual. A partir disso Maria Bernadete Carvalho da Rocha (2007) apresenta em sua produção algumas concepções através de análises e estudos da obra de Manuel Pacheco da Silva Junior de 1878, “Gramática Histórica da Língua Portuguesa,” segundo ela: – Pacheco considera que a Ciência da Linguagem faz parte da História Natural e está ligada às Ciências Biológicas; mostra-se adepto à teoria de que a linguagem pertence à natureza e não à História e de que está aquela sujeita às leis no que diz respeito à origem, desenvolvimento, decadência e desaparecimento. Alinha-se à Max Muller, Schleicher, Ascoli, Littré, Bréal e Hovelacque ao afirmar que o objeto da linguagem decorre da natureza.(ROCHA, 2007, P.104)

Como pode-se observar, ele considera que a linguagem é algo natural, pois a língua é a forma como o ser humano vai buscar para se comunicar, algo próprio dos falantes, eles precisavam arrumar uma maneira de se comunicar entre si e vai sendo modificando com o passar do tempo, até surgir o que chamamos de língua nos tempos atuais, como bem apresentada, a língua passa por um processo de se originar, vai se desenvolvendo, até que ocorre um declínio da mesma e muitas vezes até o seu desaparecimento, embora não seja um desaparecimento total, a maioria das vezes ficam alguns vestígios, como quando povos dominavam outros e faziam assim com que os povos que fossem dominados aprendessem sua língua, fazendo assim com que o uso da sua língua natural, fosse basicamente esquecido.

Assim ao contemplar essa preocupação de Pacheco (2007) com o estudo da linguagem, Bernadete cita também que o mesmo

vai tratar sobre uma questão que está presente na nossa língua atual, que é referente a questão de diferentes nomes que podem existir para expressar um mesmo objeto, no qual o mesmo vai procurar através dessas curiosidades observadas aprofundar seus estudos.

Pacheco aborda também a formação do léxico português reconhecendo haver elementos de mesma origem, mas com formas diferentes: o elemento popular (produção espontânea) e o elemento clássico ou erudito (produção artificial). Reconhece o que hoje se chama de variação linguística, com grande precisão. (ROCHA, 2007, P.105)

Como constatado acima, Bernadete (2007) discorre que Pacheco buscou estudar a fundo essas questões do que hoje conhecemos por variações linguísticas, pois é algo bastante comum nos tempos modernos, como observamos esse foi um fato que despertou a curiosidade dos estudiosos, inclusive de Pacheco (2007) para tentar entender o porquê do surgimento dessas variações, pois existe a forma clássica da língua, mas muitos usam formas mais informais para se comunicar, fazendo assim com que muitas vezes apareçam essas variações. Então eles buscam entender como e porque isso ocorre, dessa forma, Pacheco (2007) trás essa contribuição para entendermos esse processo que nos rodeia nos dias da nossa atualidade, constatando assim ele ressalta, a questão natural da língua, pois a mesma pode variar tanto nos meios sociais como geográficos também. Jaime de Sousa Martins “Elementos de Gramática Histórica”

Outro autor que se destaca sobre os termos da gramática histórica é o Jaime de Sousa Martins, que também trás estudo e conceituações sobre essa gramática, no qual José Bento Cardoso Vidal Neto (2021), irá apresentar através de alguns estudos da obra “Elementos de gramática Histórica” do Martins, algumas concepções importantes que foram abordadas por ele. No qual Bento vai abordar algumas definições de alguns autores sobre gramática histórica, inclusive a de

Martins e vai afirmar que, Estas 13 definições corroboram aquilo que já dissemos a respeito dos objetivos da gramática histórica: estudar a origem e o desenvolvimento das línguas, através de leis/princípios que expliquem os estágios evolutivos pelos quais passaram as línguas, desde a sua origem até o presente.(VIDAL,2021,P.149).

Diante disso observa-se que ele trás uma definição mais abrangente sobre essa gramática diante da análise feita de todos os conceitos, até mesmo o de Martins (2021), que trata sobre ser uma gramática que vai estudar esses meios que regeram a língua até os tempos atuais, mostrando assim que diferentes autores embasam uma ideia parecida sobre a mesma, e nos mostra a importância desses estudos para compreendermos a língua desde os tempos passados até os tempos atuais.

Um aspecto interessante ressaltado por Neto (2021) também através dessa análise é que o Martins (2021) abrange um tema bem interessante para que ajude na compreensão do processo evolutivo da língua, que é a questão dos metaplasmos, o autor apresenta as mesmas que são divididas em quatro, sendo elas, a permuta, adição, subtração e transposição, a partir da observação feita das mesmas, Bento (2021) ressalta “os metaplasmos aqui apresentados representam um amplo conjunto de ferramentas analíticas para o estudo e a melhor compreensão da evolução fonética do português, desde o Latim até seus estágios contemporâneos.” (VIDAL,2021,p.158), ou seja, são ferramentas importantes para que ocorra um estudo de forma mais ampla, e vai permitir assim um entendimento melhor dessas mudanças que ocorrem na língua, visando com isso não a criação de regras, mas sim explicar o desenvolvimento histórico da mesma, observando assim que Martins (2021) foi mais um grande colaborador tanto para conceituar a filologia como com os seus estudos sobre a história da língua, nos permitindo entender melhor como chegamos a nossa atual.

2 EDUARDO CARLOS

Eduardo Carlos Pereira (1995) é outro autor que também escreveu uma gramática histórica, nesse sentido é importantíssimo ressaltar que na sua gramática histórica ele pontua que o estudo que se faz da língua é desde o seu surgimento e como a língua sofreu alterações durante os anos, ou seja, como ela se transforma e evolui no decorrer do tempo. Nesse sentido, é relevante destacar que Pereira(1995) na sua gramática histórica pontua muito sobre a sintaxe como é relatado nessa pequena passagem a seguir

Segundo Megale (1995) “[...]A sintaxe é a parte da Gramática Histórica de Eduardo Carlos Pereira que lhe confere certo pioneirismo. Tal a afirmação fundamenta-se no fato de que a sintaxe ocupa pouco mais da metade do seu livro[...]” (MEGALE, 1995, p. 2) Eduardo Carlos Pereira Gramática Histórica e a sua Concepção sobre a língua .A língua é, pois, a expressão concreta e específica do pensamento, as formas concretas da linguagem. Entre essas formas concretas e históricas da linguagem notam-se três categorias, línguas vivas, mortas e extintas. (PEREIRA, 1855-1923, n.p) A partir desta afirmação anterior, pode-se ter noções exatas sobre o que é abordado na gramática histórica, pois segundo esse autor, ele traz as três categorias acerca da língua, classificação esta que só pode ser realizada tendo embasamentos sobre a história da língua desde os primórdios. Um ponto importante citado por esse autor é justamente essa classificação que ele faz sobre a língua no decorrer da história, pois quando ele diz: ‘língua viva, morta e extinta’, dentro desses três aspectos tem toda uma análise histórica em relação a esses aspectos, até mesmo para se poder criar este conceito em relação a evolução da língua.

Para trazer uma base a afirmação feita anteriormente, será feita uma breve conceituação do que seriam essas três categorias da lín-

gua, citada pelo autor. Língua viva, como o próprio nome já diz, é a que continua presente, sendo utilizada, como o português, o inglês; já a língua morta é aquela que não é mais utilizada pelos falantes, porém permanece presente em escritos, como o latim; e a língua extinta é a que foi extinguida, sem ter ao menos escritos sobre a mesma, como o celta. A partir desses conceitos percebe-se que é inevitável a constante evolução ocorrida na língua no decorrer do tempo.

Grammatica histórica baseia-se na circunstância de jamais se estacionar a língua viva na boca do povo, mas de sofrer continuamente alterações em todos os seus elementos, lexicológico, quer syntactic. A esta transformação lenta e contínua das línguas vivas dá-se o nome de evolução histórica ou metamorfismo da linguagem.(PEREIRA,-1855-1923.n.p)

Esta afirmação feita pelo autor Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), coloca em pauta também questões referentes à evolução da língua, colocando constatações acerca das modificações recorrentes na mesma, por exemplo, por mais que uma língua esteja sendo utilizada tanto de forma oral como na forma escrita, ela está sujeita a alterações em suas estruturas, pois é algo da natureza do homem, assim sendo, pode-se afirmar que estas transformações ocorridas na língua é algo natural e constante.

3 ADOLFO COELHO E ANTÔNIO GARCIA

D'uma mesma língua que ella chega e estabelecer os seus princípios, ou histórica por considerar as partes do organismo das línguas sob o ponto de vista do seu desenvolvimento histórico, a grammatica scientifica tem uma parte destinada ao estudo das transformações dos sons das línguas de que tracta e que busca para cada momento dado da história dessas línguas achar o modo de ser anterior dos sons que

n'ella se encontram n'esse momento, e assim sucessivamente até chegar ao som primitivo e original. (Coelho 1874:66)

“A gramática histórica estuda e ensina as leis que estão sujeitas a língua na sua evolução, acompanhando-a através das modificações por que tem passado, desde a origem até ao estado em que atualmente se encontra.” (Vasconcellos,1900, n.p)

Como analisado por Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, o tipo de gramática histórica objetiva ser capaz de acompanhar as mudanças ocorridas durante o processo de evolução da língua, previamente de sua origem até os dias atuais, procurando compreender suas condições, as quais se encontram. Os pensamentos dos autores citados não se distanciam, uma vez que ambos tratam a respeito dessa evolução sistemática da língua, os estudos de gramática histórica-comparativa também são fundamentais para buscar sobre as semelhanças ou diferenças presentes nas línguas. A língua portuguesa pertence a um vasto grupo de línguas perfeitamente distintas de todas as outras faladas na terra, que a ciência moderna estabeleceu com toda a evidência, e que é conhecido pelas denominações diversas, indo-germanico, indo-europeu. Aryano ou aryaco. (COELHO, Adolfo. 1868)

Segundo Coelho, através desta seguinte fala, é possível perceber a percepção do mesmo sobre não somente a língua portuguesa em si, mas sobre todas as línguas existentes. Sabe-se então, que todas as línguas têm suas propriedades distintas, no qual algumas coincidem, porém, cada uma tem suas normas e regras. Sabemos que a língua portuguesa surgiu a partir do latim, porém, apesar de ter surgido através do mesmo, difere de outras línguas que têm a mesma originalidade, tanto em questão de pronúncia, como em questões referentes a suas normas e regras, como por exemplo o espanhol, que também tem origem latina.

Ao passar do tempo, a língua portuguesa teve diversas mudanças em alguns pontos fundamentais em sua gramática, como, alterações em algumas regras gramaticais, por exemplo, algumas palavras que antes eram acentuadas, após algumas reformas ortográficas passaram a ser escritas sem acentuação, e esse é um dos pontos recorrentes que ocorrem por conta da mudança diacrônica. Através de afirmações como esta utilizada por Coelho, percebe-se pontos importantes acerca do que é abordado na gramática histórica, pois trata de ter como base as mudanças recorrentes da língua durante o tempo. Essa afirmação, traz um aspecto importante acerca do tema, pois ele trata dessas mudanças que ocorrem na língua basicamente como algo natural do homem, pode-se dizer, como algo que fosse praticamente inevitável para a natureza humana. Em suma, essas modificações que ele fala que ocorrem na linguagem, trata-se de toda e qualquer mudança que ocorre, sendo elas na sintaxe, na morfologia, na fonética e etc. português só nos aparece escripto do século XII por diante, mas no mais antigos documentos em latim bárbaro dos nossos cartórios já se encontram muitas formas de nossa língua. (COELHO, Adolfo. 1868)

A gramática histórica nos permite entender as mudanças que ocorreram na língua no decorrer do tempo. Como embasamento para essa afirmação, a citação anterior, pois Coelho traz um aspecto importante que houve na língua, no caso o momento em que o Português passou a aparecer escrito, que como ele mesmo citou, foi somente no século XII, a partir deste é que se encontra vários registros de escritos em português, não com aspectos de forma igual a maneira de como se escreve hoje, até porque como sabe-se a língua já passou por várias evoluções durante a história, principalmente e primeiramente em sua escrita, então pode-se afirmar que a maneira de como era escrita algumas palavras já não são mais a mesma, assim como há algumas pala-

avras que permaneceram com sua forma de escrita original. Durante o domínio godo a vida religiosa tomou largo desenvolvimento, e a ação do Ghristianismo influiu profundamente em todas as manifestações da atividade humana. O vocabulário popular é nesta época enriquecido com termos, quase todos de origem grega, introduzidos pela igreja, os quais até então eram apenas usados pelos eruditos. Desde que entram na linguagem comum, eles sofrem as modificações fonéticas determinadas pela índole da língua (VASCONCÉLLOZ, 1860, p.20).

Como aponta Antônio Garcia de Ribeiro Vasconcellos, as linguagens vem sofrendo alterações e transformações desde os primórdios, sendo algo crucial para o aprimoramento da linguagem. Em âmbito religioso, a questão da linguagem e da gramática era algo presente, podendo citar até mesmo um fato de que muitos padres nas décadas distantes eram quem ensinavam as pessoas da sociedade a ler e escrever. Entretanto com o passar dos séculos a linguagem foi se modificando, criando novas regras, palavras diferentes, pois até então as palavras utilizadas pelos eruditos, que eram pode-se dizer professores ou estudiosos, como faz referência o autor, era de caráter culto e formal, até porque era utilizada por religiosos, no entanto, quando a linguagem popular foi ganhando visibilidade, sendo posta também na linguagem, a mesma teve suas alterações.

Nessa citação posta pelo autor Vasconconcélloz, o mesmo faz uma referência, na qual faço uso da mesma opinião, pelo fato de que, a gramática histórica faz um aparato sobre as questões das modificações e evoluções da linguagem desde os primórdios, pois, vai abrangendo as modificações nos estudos e na linguagem, visto que, é uma constante evolução, até porque trata-se de algo na qual tem-se a necessidade de se modificar conforme o tempo.

A fonética e a fonologia são ramos que caminham lado a lado com a linguística, pois se complementam e auxiliam em muitos fa-

tores no estudo aprofundado da gramática, visto que a fonética visa estudar os sons das palavras, a fonologia por sua vez, estuda os fonemas das palavras. No entanto, todos esses fatores estudados pela mesma, contribuem de maneira direta para a evolução da linguagem de uma forma ainda mais detalhada e aprofundada.

Segundo o artigo “A tentative typology of romance historical grammars” Malkiel discorre longa e profundamente sobre as gramáticas históricas românicas mais marcantes: define o conceito e apresenta os vários tipos de gramática histórica, a sua estrutura, conteúdo, a apresentação, as relações com outros domínios linguísticos, etc.(CAETANO, s,p.) Em seu artigo intitulado “A formação das palavras na gramática histórica da língua portuguesa de Manuel said Ali, (CAETANO,s,p) destaca sobre os estudos feitos pelo linguista. Malkiel sobre os vários tipos de gramática histórica existentes, estabelecendo ainda uma gramática sobre o uso coerente dos recursos gramaticais.

Em seu artigo Maria do Céu Caetano destaca ainda que é “Objetivo comum aos vários gramáticos históricos considerados a descrição da evolução da língua portuguesa, desde a origem até ao período que se pretende estudar, ou seja, em todas as obras em análise, assiste se a uma extrapolação do passado para o presente, sendo o latim o ponto de partida e o português da época contemporânea o ponto de chegada. Daí que, como seria de esperar, os vários autores elejam o método (histórico-) comparativo, quer para estabelecer a comparação entre estádios diferentes do português, quer se trate de comparar o português com outras línguas românicas”

Diante do que já foi exposto considera-se que a autora expõe a respeito de estudos realizados e analisados por alguns gramáticos que os mesmos, apresentam métodos usuais frequentes com relação a evolução das línguas com relação a sua origem até os dias atuais.

A autora menciona também a cerca do estudo repetitivo dos vários pesquisadores sobre “o método histórico-comparativo”, uma vez que são realizadas as comparações do “português com línguas outras línguas românicas”.

4 BRANT HORTA

Segundo Brant, “a Gramática Histórica estuda a origem e as leis de formação e evolução de uma língua de sorte que a gramática histórica da língua portuguesa estuda a origem e as leis de formação e evolução do português.” (HORTA, 1941, p. 13). Ou seja, estuda a origem e a evolução da língua, a língua em suas várias fases, desde o latim até os dias de hoje. Esse estudo da gramática histórica é indispensável ao conhecimento da língua.

Alguns gramáticos como Brant Horta [1930? s.d.3] e Francisco J. Martins Sequeira ([1938 a] 19593) considera que a formação de palavras deve ser estudada dentro da Morfologia. Já outros, estavam dentro do Léxico, ou tratavam de forma independente. Os primeiros dedicam-se às alterações semânticas, resultados da junção de prefixos e sufixos ou desinências. Os currículos escolares do início do século XX incluíam a gramática histórica no quadro de temas a serem ensinados. O critério utilizado para classificar uma obra como gramática histórica não foi a presença dos três níveis de análise linguística (fonologia, morfologia e sintaxe), mas sim sua autodeterminação como tal. A Gramática Histórica divide-se em Lexicologia e Sintaxe. A Lexicologia estuda as palavras quanto à sua formação, derivação, etimologia e significado. Enquanto a Sintaxe estuda a disposição das palavras nos períodos, bem como a relação lógica entre elas.

O tópico sintático que recebeu mais atenção é a comparação da sintaxe do Português com a do Latim. Horta (s/d, p. 191) apre-

senta esse cenário comparativo. A sintaxe trata, pois, da ordem, da regência, da concordância e das funções das palavras na frase. Sintaxe histórica é a que estuda, em todas as suas modalidades, a evolução da frase, nas diferentes épocas e fases de uma língua. Pelo estudo de sintaxe histórica da língua portuguesa, depreende-se que esta tem, mais ou menos, a mesma estrutura fraseológica da língua latina, os mesmos processos de coordenação e subordinação, de regência e concordância, divergindo, no entanto dela, apenas na ordem das palavras, em virtude do desaparecimento dos casos.

Horta compara a importância que a ordem tem para o Latim e o Português. No caso da língua latina, o fato de as desinências determinarem a função sintática das palavras faz com que a ordem não seja algo relevante. Situação diferente ocorre com o Português, pois com o desaparecimento dos casos nas línguas neolatinas, não é mais possível, apenas pela análise isolada da palavra, saber qual papel ela desempenha na frase.

CONCLUSÃO

De acordo com as definições apresentadas acima pelos gramáticos, a gramática histórica é também comparativa, pois as comparações envolvem estágios diferentes de famílias linguísticas, destacando as evoluções e alterações ocorridas antigamente e as mais recentes. Nesse viés, conclui-se então que os estudos sobre a gramática são essenciais para entendermos as evoluções que ocorrem na língua portuguesa ao decorrer do tempo. Faz-se necessário um maior aprofundamento a respeito do tema exposto neste artigo, trazendo referências de autores que desenvolveram estudos acerca da gramática histórica em seus diferentes contextos. Portanto, concluímos que tais estudos foram fundamentais para a construção da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

Rocha, Maria Bernadete Carvalho de O pensamento gramatical de Manuel Pacheco da Silva Júnior. Instituto de Letras da UFF/Maria Bernadete Carvalho da Rocha. – Niterói: [s.n.], 2007.

Vidal Neto, José Bento Cardoso A formação do pensamento linguístico brasileiro: entre a gramática e novas possibilidades de tratamento da língua (1900-1940) / José Bento Cardoso Vidal Neto; orientadora Olga Ferreira Coelho Sansone- São Paulo, 2021. 547 f.

PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática histórica: Lente cathedratice de grammatica expositiva e grammatica historica. São Paulo. 2ª edição. 1919. Disponível em: <https://archive.org/details/grammticahist-00vascuoft/mode/1up> acessado em 29 de jan.2023

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. Ismael de Lima Coutinho e sua gramática Histórica. Mediação, Pires do Rio - GO, v. 10, n. 1, p. 120-134, jan.- dez. 2015. ISSN 1980-556X (versão impressa)/ ISSN 2447-6978 (versão on-line), Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/4086/3089>. Acessado em 23 de janeiro de 2023.

MEGALE, Heitor. A gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira. N.º 9 – 1.º semestre de 1995 – Rio de Janeiro, Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/764/523>. Acessado em 23 de janeiro de 2023.

Antônio Garcia Ribeiro de VASCONCELLOS[s/d; 1900 no prólogo],- Grammatica Histórica da língua portuguesa. Paris/ Lisboa/ Rio de Janeiro/ São Paulo/ Bello Horizonte: Aillaud, Alves/ Francisco Alves.

Adolfo COELHO 1868. A Língua portugueza. Phonologia. Etymologia. Morphologia e Sytaxe.coimbra: Imprensa da Universidade (só o primeiro fascículo, contendo a phanologia, foi publicado, nunca ten-

do sido reeditado. A fonologia histórica esta também presente num extenso capítulo das questões da língua portuguesa de 1874.)

ALI, MANUEL Said. Gramática Histórica da Língua Portuguesa, São Paulo, Edições Melhoramentos, [1931] 19643.

CAETANO, Maria do céu. A FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA “GRAMÁTICA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA” DE MANUEL SAID ALI. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/03.htm> acesso em 31 de Janeiro de 2023

MALKIEL, Yakov. “A Tentative Typology of Romance Historical Grammars”. :in Essays in Linguistic Themes, Oxford, Blackwell, 1960, p. 71-164 (também em *Lingua* IX-4, 1968)

ÍNDICE REMISSÍVO

- B 36, 37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
- Brasil 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37,
38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87,
88, 89, 90, 91, 92
- C
- Catolicismo 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
- Conhecimento 2
- Cultura 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36,
37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86,
87, 88, 89, 90, 91, 92
- F
- Fichamento 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
- G
- Gramática 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
- H
- História 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36,
37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86,
87, 88, 89, 90, 91, 92
- Histórica 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36,
37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86,
87, 88, 89, 90, 91, 92
- L
- Língua 1, 3, 29, 77, 93
- Linguagem 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
- Literatura 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
- M
- Mulheres 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
- N
- Negro 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36,
37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86,
87, 88, 89, 90, 91, 92
- S
- Sociedade 14, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

SOBRE O ORGANIZADOR

FÁBIO ARAÚJO PEREIRA

Mestre em Letras com ênfase em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Maranhão, sob a orientação da Profa. Dra. Mônica Carneiro, com o projeto, O Palavrão no filme tropa de elite: Missão dada é missão cumprida. Especialista em Metodologia do Ensino das Línguas Portuguesa e Inglesa (Carga Horária: 500h) e Tutoria em Educação a Distância e Docência do Ensino Superior (Carga Horária: 500h) pela faculdade Única de Ipatinga, FUNIP, Brasil. Graduado em Letras Português - Inglês pela Universidade Federal do Maranhão. Com experiência no ensino de língua inglesa e /ou portuguesa para o nível fundamental, médio e técnico, experiência no magistério superior na área de linguística aplicada, língua inglesa e docência em curso de pós-graduação lato sensu na área de educação.

Escrita, Gramática e Literatura: Diálogos Possíveis Entre Acadêmicos De Letras

RFB Editora

Home Page: www.rfbeditora.com

Email: adm@rfbeditora.com

WhatsApp: 91 98885-7730

CNPJ: 39.242.488/0001-07

Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12,
Nazaré, Belém-PA, CEP 66035065

